



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO SOCIOECONÔMICO  
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS  
CURSO CIÊNCIAS ECONÔMICAS

Priscila Lima Alves

**Importância das mulheres na disciplina de História do Pensamento Econômico  
e a contribuição de Rosa Luxemburgo**

Florianópolis

2023

Priscila Lima Alves

**Importância das mulheres na disciplina de História do Pensamento Econômico  
e a contribuição de Rosa Luxemburgo**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Ciências Econômicas do Centro Socioeconômico da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharela em Ciências Econômicas

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Solange Regina Marin, Dra.

Florianópolis

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Alves, Priscila Lima

Importância das mulheres na disciplina de História do  
Pensamento Econômico e a contribuição de Rosa Luxemburgo /  
Priscila Lima Alves ; orientadora, Solange Regina Marin,  
2023.

77 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro  
Socioeconômico, Graduação em Ciências Econômicas,  
Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Ciências Econômicas. 2. HPE. 3. Mulheres Economistas.  
4. Rosa Luxemburgo. I. Marin, Solange Regina. II.  
Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em  
Ciências Econômicas. III. Título.

Priscila Lima Alves

**Importância das mulheres na disciplina de História do Pensamento Econômico  
e a contribuição de Rosa Luxemburgo**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de Bacharela em Ciências Econômicas e aprovado em sua forma final pelo Curso de Ciências Econômicas.

Florianópolis, 26 de junho de 2023.

Prof. Michele Romanello, Dr.  
Coordenação do Curso  
UFSC

**Banca examinadora**

---

Prof.<sup>a</sup> Solange Regina Marin, Dr.<sup>a</sup>  
Orientadora

Prof.<sup>a</sup> Liana Bohn, Dr.<sup>a</sup>  
UFSC

Prof.<sup>a</sup> Carmen Rosario Ortiz Gutierrez Gelinski, Dr.<sup>a</sup>  
UFSC

Florianópolis, 2023.

*Para minha mãe, Alexandra.*

## AGRADECIMENTOS

A professora Solange que aceitou me orientar e me acolheu nos momentos mais difíceis da minha graduação. Serei eternamente grata por toda a paciência e compreensão comigo. Não sei se existem palavras para descrever a quão grata eu estou. Sei que muitos dos meus colegas não tiveram a oportunidade que eu tive de ter uma orientação de verdade, com leituras atentas e críticas sempre construtivas.

À minha mãe que merece um parágrafo só para ela. Um milhão de obrigadas não seriam suficientes para agradecê-la. Agora seremos mãe e filha formadas na mesma universidade.

A todos que de alguma forma colaboraram para a minha formação. Meu pai, meus irmãos gêmeos, Isabela e Gabriel, que gentilmente me acolheram como terceira gêmea e toda a minha família.

Aos meus companheiros que estiveram comigo nessa reta final e aguentaram todo meu desespero e estresse: Gabi, Ludiani, Gabriel, Jo, Pam, Kah, Amadeu e a todos os outros que não citei.

Ao grupo de pesquisa de História do Pensamento Econômico e Mulheres pelo trabalho incrível de divulgação e tradução de trabalhos essenciais para a formação de economistas. E pela disciplina de mesmo nome que me trouxe discussões e contribuições incrível não apenas para a monografia, mas para a minha formação como economista.

A todos os brasileiros que financiaram meus estudos. Espero que de alguma forma meu trabalho retorne para a sociedade.

A todas as mulheres que já ousaram pensar a ciência quando nem ao menos eram permitidas de estudar. Sem a abertura desse caminho eu não estaria aqui.

Ao meu amor e companheiro de curso e de vida, Ruan. Conseguimos.

“Caroline: Is that also a lesson of political economy? I think, Mrs. B., you have the art of converting everything you touch into that science.  
Mrs. B: It is not my art, but the real nature of things.”  
(Marcet, Jane, 1816)

## RESUMO

Neste trabalho, busca-se, por meio de consultas às ementas de disciplina de História do Pensamento Econômico (HPE) em cursos de economia ministrados em algumas universidades brasileiras, observar e discutir sobre a pouca representatividade de mulheres economistas nos currículos de cursos de Economia do Brasil. Mesmo mulheres com renomado conhecimento são pouco trabalhadas nos currículos atuais dos cursos analisados. Foram selecionados 10 cursos de Ciências Econômicas bem avaliados pelo Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade), dos quais buscou-se informações sobre a disciplina de HPE, a bibliografia recomendada e presença de referências de mulheres economistas dentre os autores recomendados. O resultado, ainda que cabendo a ressalva de que a amostra era pouco representativa diante do número total de cursos ofertados, é que o pensamento feminino e/ou feminista é pouco explorado nestes cursos. Complementando, apresenta-se a economista Rosa Luxemburgo, como um exemplo de economista com importantes contribuições para o pensamento econômico, obras reconhecidas e traduzidas, porém pouco trabalhada nos cursos de HPE no Brasil. Luxemburgo, mesmo um defensora do socialismo, questionou as teorias de Marx, pois entendia que a classe trabalhadora precisava tomar o poder político e social e construir uma sociedade socialista baseada na democracia e na propriedade coletiva dos meios de produção e que reformas políticas e econômicas no interior do sistema capitalista não eram suficientes para resolver as contradições intrínsecas do capitalismo e levar a uma sociedade mais justa e igualitária. Luxemburgo e outras pensadoras de sua época como Clara Zetkin e Beatrice Webb, enxergavam o mundo de um ponto de vista diferente, razão pela qual estudar seu trabalho pode enriquecer os currículos dos cursos de Economia.

**Palavras-chave:** HPE; Rosa Luxemburgo; Mulheres Economistas.



## ABSTRACT

In this work, we seek, through consultations with the subject syllabi of History of Economic Thought in economics courses taught at Brazilian universities, to observe and discuss the low representation of women economists in the curricula of economics schools in Brazil. Even women with renowned knowledge are little worked in the current curricula of the analyzed courses. 10 economic science courses well evaluated by the Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE) were selected from which information was sought on the History of Economic Thought discipline taught in these courses, the recommended bibliography, and the presence of references of women economists among the recommended authors. The result, despite the caveat that the sample was not very representative compared to the total number of courses offered, is that female or feminist thought is little explored in these courses. In addition, the economist Rosa Luxemburg is presented as an example of an economist with important contributions to economic thought, recognized and translated works, but little studied in courses in Brazil. Rosa, even a defender of socialism, questioned Marx's theories, as he understood that the working class needed to take political and social power and build a socialist society based on democracy and collective ownership of the means of production and that political and economic reforms in the within the capitalist system were not enough to resolve the intrinsic contradictions of capitalism and lead to a more just and egalitarian society.

Rosa and other thinkers of her time, such as Clara Zetkin and Beatrice Webb, saw the world from a different point of view, which is why studying her work can enrich course curricula.

**Keywords:** History of Economic Thought; Rosa Luxemburg; Women Economists.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Cursos selecionados para análise.....	31
Quadro 2 – Cursos analisados e suas relações entre a disciplina de HPE e as mulheres.....	33
Quadro 3 – Citações sobre economistas mulheres nos livros dos recomendados nas disciplinas.....	36

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CPC	Conceito Preliminar de Curso
EBEF/FGV	Escola Brasileira de Economia e Finanças
EESP/FGV	Escola de Economia de São Paulo
ENADE	Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes
HPE	História do Pensamento Econômico
IBMEC	Centro Universitário IBMEC
IDD	Desempenhos Observado e Esperado
IGC	Índice Geral de Cursos Avaliados da Instituição
KPD	Partido Comunista Alemão
LSE	London School Of Economics
PUC-RIO	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
SDKP	Social-Democracia do Reino da Polônia
UDESC	Fundação Universidade do Estado de Santa Catarina
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFV	Universidade Federal de Viçosa
UNB	Universidade de Brasília
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>13</b>
1.1	OBJETIVOS .....	15
1.2	JUSTIFICATIVA .....	16
1.3	METODOLOGIA .....	17
<b>2</b>	<b>IMPORTÂNCIA DAS MULHERES NA ECONOMIA</b> .....	<b>19</b>
2.1	METODOLOGIA ECONÔMICA FEMINISTA .....	20
2.2	MULHERES ECONOMISTAS E O MOVIMENTO SUFRAGISTA.....	22
2.3	A INCLUSÃO DAS MULHERES NA HPE .....	24
<b>3</b>	<b>A DISCIPLINA DE HISTÓRIA DO PENSAMENTO ECONÔMICO NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO DO BRASIL</b> .....	<b>27</b>
3.1	ANÁLISE DAS EMENTAS DE HPE DE CURSOS DE ECONOMIA .....	28
3.1.1	<b>Critério para escolha dos cursos de Economia</b> .....	<b>29</b>
3.1.2	<b>Citações às autoras nas ementas e livros</b> .....	<b>32</b>
3.1.3	<b>Sobre citações das mulheres nos livros</b> .....	<b>38</b>
<b>4</b>	<b>CONTRIBUÇÕES TEÓRICAS DAS ECONOMISTAS REVOLUCIONÁRIAS DO SÉCULO XX: UM OLHAR SOBRE ROSA LUXEMBURGO</b> .....	<b>39</b>
4.1	ROSA LUXEMBURGO .....	39
4.1.1	<b>Uma pacifista</b> .....	<b>41</b>
4.1.2	<b>Principais publicações</b> .....	<b>43</b>
4.1.3	<b>Contribuições para a economia</b> .....	<b>48</b>
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>52</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>54</b>
	<b>ANEXO A – CURSOS DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS AVALIADOS NO ENADE 2018</b> .....	<b>58</b>
	<b>ANEXO B – EMENTAS DAS DISCIPLINAS</b> .....	<b>63</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A disciplina de História do Pensamento Econômico (HPE) é muito importante para a formação do economista, mas ela vem sendo deixada de lado porque para a economia *mainstream*<sup>1</sup> essa disciplina não é essencial para a formação do economista. Mark Blaug (1997)<sup>2</sup> relata que isso acontece com mais força nos Estados Unidos, mas que em outros lugares da Europa também estava se manifestando, e em tradução livre, chega a declarar que “Não é nenhum segredo que o estudo da história do pensamento econômico é tido em baixa estima pelos principais economistas e às vezes abertamente desacreditado como um tipo de antiquário”<sup>3</sup> (BLAUG, 1997, p.146).

Na mesma tendência observada por Blaug, Bruce Caldwell (2012)<sup>4</sup> observa a força que o positivismo ganhou na ciência, em que a cientificidade toma conta das universidades e conhecimentos que não são considerados “científicos” são descartados. Caldwell (2012) critica esse positivismo da ciência que levado a cabo, desconsidera a história por trás do conhecimento:

Uma crença fundamental do positivismo é que todas as ciências reais são cumulativamente progressivas, que lenta mas seguramente dentro da ciência os erros são descartados e um corpo de conhecimento amplamente aceito é criado. Essa visão leva naturalmente à crença de que a compreensão da história de uma disciplina é simplesmente irrelevante para um cientista, porque todo o conhecimento está contido nos documentos de trabalho mais recentes. A história é para antiquários e amadores, não para cientistas de verdade. (CALDWELL, 2012, p.11, tradução livre)

Se somente é ciência aquilo que pode ser comprovado por meios matemáticos como o positivismo acredita, somente a economia tradicional pode ser

---

<sup>1</sup> Economia ortodoxa ou economia *mainstream* é uma expressão que se refere às teorias econômicas predominantemente ensinadas nas universidades.

<sup>2</sup> It is no secret that the study of the history of economic thought is held in low esteem by mainstream economists and sometimes openly disparaged as a type of antiquarianism. There is nothing new in this. Practically every commentator on the role of history of economic thought in modern economics in the last 30 years has lamented the steady decline of interest in the area since the end of World War II and its virtual disappearance from university curricula, not just at the graduate but sometimes even at the undergraduate level. The trend is more pronounced in the United States than in Europe, but it is manifest just about everywhere. (BLAUG, 1997)

<sup>3</sup> *It is no secret that the study of the history of economic thought is held in low esteem by mainstream economists and sometimes openly disparaged as a type of antiquarianism. (BLAUG, 1997, p.146)*

<sup>4</sup> A bedrock belief of positivism is that all real sciences are cumulatively progressive, that slowly but surely within science errors are discarded and a widely accepted body of knowledge is created. This view leads naturally to the belief that an understanding of the history of a discipline is simply irrelevant for a scientist, because all knowledge is contained in the most recent working papers. History is for antiquarians and hobbyists, not for real scientists. (CALDWELL, 2012)

considerada ciência, assim deixado as disciplinas “não-científicas” de lado e priorizando um estudo mais matemático. É por esse caminho que não só os cursos de economia dos Estados Unidos e da Europa estão indo, mas também do Brasil.

Para entender esses caminhos que os cursos de Economia do Brasil estão seguindo, foram pesquisados ementas e programas de disciplinas de alguns cursos de HPE do Brasil a fim de analisá-los em relação a bibliografia básica.

Num curso de HPE, segundo CALDWELL (2012)<sup>5</sup>, deve-se ler os escritos originais, ou “Em uma classe de história do pensamento econômico, você não lê algum escritor de livro didático sobre Smith. Você lê as próprias palavras de Smith” (Caldwell, 2012, P.14, tradução livre da autora). Prioritariamente leria o que de fato Smith, por exemplo, escreveu e assim ter suas próprias interpretações e conclusões sobre suas ideias e sobre a construção de seu pensamento e criar um pensamento crítico (CALDWELL, 2012)

A realidade é que, durante a graduação, a disciplina de HPE – que já não tem muito espaço dado o crescimento do *mainstream* –, tem que se contentar com manuais de resumos breves sobre a maior parte dos pensadores economistas da história.

Se estamos buscando um pensamento crítico e uma educação plural, porque então só estudamos pensadores homens na HPE? Onde estão as mulheres pensadoras de economia e economistas? Elas nunca existiram? Para a maior parte dos livros intitulados manuais de HPE, as mulheres, se existiram quase que não contribuíram para a economia: quando citadas ganham poucas linhas e, quando muito, ganham uma página num livro de mais de 500 páginas.

Dessa forma, é perceptível que as mulheres não são devidamente estudadas na academia. Essa ciência foi dominada por homens e esse ponto é muito importante, porque quem constrói essa área de estudo faz isso através de um ponto de vista e, nesse caso, o ponto de vista masculino. Não leva em consideração o ponto de vista da mulher. FERBER (1993)<sup>6</sup> cita um exemplo em que uma publicação econômica de

---

<sup>5</sup> In a history of economic thought class, you do not read some textbook writer on Smith. You read Smith's own words, words that a good teacher will place into context. I mention the importance of a good teacher. It is not easy to sit down and read a writer from another time period. But with help, a student's understanding of the world expands. This is why courses in the history of economics are so important. (Caldwell, 2012. P14)

<sup>6</sup> The first edition of Paul Samuelson's Economics (1948) had only two references to "females" and none to "women," both included in a segment on "minorities." Even today, women and families remain strangely absent from many "general" discussions of economic matters. (FERBER, 1993)

1948 praticamente ignora mulheres e famílias, como se estas não fizessem parte da discussão e mesmo quando aborda questões “femininas”, pode abordar de forma errônea já que não concebe as experiências das mulheres. (FERBER, 1993, p.5).

Caldwell (2012) pergunta onde mais no currículo de economia iriam os estudantes realmente ler não apenas Smith, Marshall, Knight e Keynes, mas Marx, Veblen, Schumpeter, Mises, e, até mesmo, Hayek<sup>7</sup> exaltando a pluralidade da disciplina de HPE por estudar todos esses nomes importantes para o desenvolvimento da ciência, a presente monografia questiona: e Rosa Luxemburgo? Por que não está incluída nessa pluralidade?

Se a HPE se propõe a ser plural, estudando e lendo todos os economistas de todos os paradigmas, por que excluiu mulheres que estavam produzindo conteúdo em suas épocas? Mesmo com as dificuldades de acesso ao estudo em que muitas delas tiveram dada a época em que cada uma escreveu, ainda conseguiram contribuir de muitas formas para a economia.

## 1.1 OBJETIVOS

Existe falta de representação de mulheres na disciplina de história do pensamento econômico? Além disso, um trabalho de uma economista mulher pode contribuir para uma perspectiva mais inclusiva e diversificada no campo da economia, ainda que não seja necessariamente feminista?

Geral: Investigar se existem pensadoras mulheres na disciplina de HPE e exaltar a importância de estudar autoras economistas com o resgate da contribuição de Rosa Luxemburgo;

Específicos:

- i. discutir importância da HPE e mulheres;
- ii. analisar ementas de HPE de 10 cursos de economia do Brasil pelo corte

ENADE;

---

<sup>7</sup> Texto original contido na publicação *Of Positivism and the History of Economic Thought*, Bruce Caldwell, 2012 “Where else in the economics curriculum will students actually read, not just Smith, Marshall, Knight, and Keynes, but Marx, Veblen, Schumpeter, Mises, and, dare I say it, Hayek?”

iii. apresentar uma economista: Rosa Luxemburgo, revisar suas ideias e contribuições a fim de divulgar mais mulheres na ciência.

## 1.2 JUSTIFICATIVA

Ao abordar diversas histórias, sejam elas experiências pessoais ou relatos de outras mulheres, Michelle Perrot destaca que ser mulher é uma "experiência insubstituível para aquelas e aqueles que a fizeram, a história". No entanto, a autora ressalta que "não mudou nem a atitude histórica, ainda reservada, nem as instituições universitárias, que se opõem a lhe dar um lugar, ainda que modesto" (PERROT, 2005, p.14). Perrot escrevia isso em 1992, em relação à França, mas é certamente uma realidade que enxergamos ainda atualmente ao analisarmos a academia e, principalmente, os cursos de Economia do Brasil.

Perrot (2005) também enfatiza que

É o olhar que faz a História. No coração de qualquer relato histórico, há a vontade de saber. No que se refere às mulheres, esta vontade foi por muito tempo inexistente. Escrever a história das mulheres supõe que elas sejam levadas a sério, que se dê à relação entre os sexos um peso, ainda que relativo, nos acontecimentos ou na evolução das sociedades. O que não era o caso, e justamente por parte das próprias mulheres, inclusive as mais importantes. "...toda a história das mulheres foi feita pelos homens", escreve Simone de Beauvoir; (PERROT, 2005, p 20)

Essas perspectivas ressaltam a importância do olhar na história e na forma como ela é escrita e transmitida, evidenciando a necessidade de revisitar e valorizar o papel das mulheres nas diferentes áreas do conhecimento, como a Economia.

A escolha de Rosa Luxemburgo como autora a ser apresentada se deve não apenas à extensão de sua contribuição para a economia política, com duas obras relevantes, sendo uma delas considerada sua obra-prima, "A Acumulação de Capital", e outra obra menos citada, "A Introdução à Economia Política", abordada no capítulo 4, mas também à sua persistente luta contra o capitalismo. Apesar de suas ideias terem sido posteriormente questionadas e o caminho proposto por ela para o fim do capitalismo tenha sido objeto de debate, sua ativa resistência ao sistema capitalista e sua contribuição teórica e prática no âmbito do marxismo são inegáveis. Portanto, seu estudo se torna fundamental para compreender a economia.



### 1.3 METODOLOGIA

No primeiro capítulo deste trabalho foram apresentados os objetivos, a motivação e a metodologia.

No segundo capítulo, que versa sobre a importância da HPE e Mulheres há uma revisão bibliográfica da literatura que envolve a temática da mulher na Ciência Econômica e na HPE, enfatizando sua importância no contexto da disciplina e alertando para a exclusão de mulheres dessa ciência ao longo da história. Esses textos variam entre artigos acadêmicos e livros.

Para o terceiro capítulo, a pesquisa utilizou de duas abordagens metodológicas para cada parte do trabalho. A primeira parte conta com uma pesquisa *online* dos documentos oficiais das universidades em relação às ementas e programas de disciplinas, e, no ponto seguinte, busca citações a autoras nas ementas das disciplinas de História do Pensamento Econômico ou na bibliografia recomendada pelas instituições. A escolha dos cursos seguiu o corte do ENADE para maior transparência nos dados e escolha imparcial das universidades.

A Portaria Normativa MEC nº 840, de 24 de agosto de 2018, define que o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) por meio da Diretoria de Avaliação da Educação Superior (Daes) é responsável pela elaboração do Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade). (Art. 39). (MEC, 2018)

Dentre várias formas de avaliação de cursos de graduação, foi escolhido o conceito do Enade como base desta pesquisa porque é uma ferramenta de avaliação padronizada nacionalmente, projetada para medir a qualidade do programa de forma holística. Cabe ao Inep propor, calcular e divulgar os Indicadores de Qualidade do Ensino Superior (Art. 62 da Portaria nº 840/2018), que incluem o Indicador de Diferença entre os Desempenhos Observado e Esperado (IDD), o Conceito Preliminar de Curso (CPC) e o Índice Geral de Cursos Avaliados da Instituição (IGC). Estas métricas destinam-se a avaliar e medir a qualidade do ensino superior, fornecem informações pertinentes à comunidade acadêmica e à sociedade em geral.

Somente 7 dos 10 cursos escolhidos disponibilizaram suas ementas e são eles: Escola Brasileira de Economia e Finanças (EBEF/FGV), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RIO), Universidade de Brasília (UnB), Universidade Federal do Rio de Janeiro

(UFRJ), Universidade Federal de Viçosa (UFV), Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), que vão ser analisados no capítulo 3.

No quarto capítulo, é feita uma apresentação e uma revisão da literatura da economista e pensadora Rosa Luxemburgo, procurando apresentar e divulgar suas obras e suas contribuições teóricas.

Por fim, chega-se à algumas considerações sobre o trabalho.

## 2 IMPORTÂNCIA DAS MULHERES NA ECONOMIA

Neste capítulo, é realizada uma revisão da literatura que abrange a presença de mulheres na Ciência Econômica e na disciplina de HPE, enfatizando sua importância e alertando para a exclusão histórica que elas enfrentaram. Discutindo em três partes, a primeira discute a existência de uma metodologia econômica feminista, ou seja, se existe um conjunto de técnicas, procedimentos e ferramentas de pensar a ciência de uma forma feminista. Em seguida destaca o movimento sufragista e como ações como essas são marcantes para que mulheres compreendam seus direitos e lute para a conquista por espaços. Frente as discussões discorrem-se não só sobre as contribuidoras teóricas que existiram e que não foram incluídas dentro dos estudos da HPE no Brasil bem como a importância e a necessidade da sua inclusão para o debate na disciplina.

Ao entrar no vasto campo do pensamento econômico, é inegável que as contribuições femininas foram marginalizadas e subestimadas. A história da Economia é predominantemente masculina e aparenta, ao senso comum, carecer de uma presença significativa de mulheres no campo teórico. (FERBER; NELSON, 1993). No entanto, uma análise além do que é tradicionalmente aceito e valorizado, situa um quadro diferente ao resgatar as contribuições das mulheres para o pensamento econômico, apesar dos obstáculos e limitações que elas encontraram.

Para entender como as mulheres contribuíram para o pensamento econômico, é importante ressaltar a falta de representação delas nessa área e as dificuldades que enfrentaram. Por mais que cresça o número de economistas, ainda não conseguem representação em níveis avançados dentro da academia.

A proporção de mulheres economistas tem aumentado nos últimos anos, mas as mulheres continuam sendo sub-representadas entre os graduados em níveis avançados e entre os corpos docentes de faculdades e universidades, especialmente nos cargos mais altos e nas instituições mais prestigiosas. (FERBER E NELSON, 1993, p.2)<sup>8</sup>

Ao longo da história, as mulheres foram limitadas pelas normas sociais e institucionais que restringiram seu acesso à educação formal e as dificultaram de

---

<sup>8</sup> *The proportion of economists who are women has increased in recent years, but women continue to be underrepresented among recipients of advanced degrees and among faculties of colleges and universities, particularly in senior ranks and at the most prestigious institutions.* (NELSON; FERBER, 1993, p.2)

participar de atividades profissionais e intelectuais. (PERROT, 2005). Essas limitações foram baseadas em estereótipos de gênero e levaram ao equívoco de que as mulheres não eram capazes de se envolver em estudos científicos, como por exemplo, na Economia.

À medida que nos aprofundamos nas complexidades da história do pensamento econômico das mulheres, é importante reconhecer e celebrar as economistas esquecidas. Suas teorias e métodos têm um valor significativo na compreensão e melhoria da Ciência Econômica. Além disso, ao preservar suas ideias e seus escritos, espera-se inspirar e promover a participação das mulheres no ambiente econômico contemporâneo. (STROBER, 1994)

## 2.1 METODOLOGIA ECONÔMICA FEMINISTA

O pensar a Ciência Econômica sempre foi visto como uma tarefa para os homens. Dificilmente ao ser questionada sobre quais economistas mulheres alguma pessoa da área já estudou ela saberá te responder. Isso ocorre devido ao apagamento que as mulheres tiveram dentro da Ciência Econômica. Esse esquecimento ocorreu tanto em termos de as mulheres serem objeto de estudo quanto serem pensadoras de temas econômicos.

A economia *mainstream* em questões metodológicas aceita “qualquer pesquisa usando modelos matemáticos formais de otimização sob restrições, que na pesquisa aplicada é complementada por análise econométrica” (ROBEYNS, 2000, p5). A economia dominada pelos homens não busca compreender como podemos resolver os problemas e discutir qual o método apropriado para solucionar essas questões. Para a economia feminista isso “só deve ser decidido depois de sabermos quais perguntas queremos responder.” (ROBEYNS, 2000, p1).

A economia feminista busca questionar a dimensão de gênero em relação a fenômenos específicos ou às implicações de gênero em propostas de política ou mudanças de política. Analisar como o gênero afeta e influencia determinados fenômenos e como as políticas podem ser desenvolvidas levando em consideração as questões de gênero, de uma forma muito mais ampla e plural do que a economia *mainstream* se propõe. (ROBEYNS, 2000)

A economia feminista surgiu em resposta à crescente insatisfação do movimento feminista com a metodologia, epistemologia e ontologia empregadas pela

economia neoclássica e a autoridade quase indiscutível que essa abordagem reivindica. Nesse contexto, uma introdução à economia feminista consiste em explorar sua crítica às abordagens tradicionais. As respostas e alternativas propostas pelas economistas feministas são, sem dúvida, diversas, refletindo a inerente diversidade de perspectivas dentro do campo.

Não se pode afirmar que há uma única metodologia econômica feminista, a abordagem da economia feminista não se baseia em diferenças entre economistas mulheres e homens, não existe um jeito de fazer ciência feminina. Conforme Strober (1994) argumenta, é certo que algumas das percepções de mulheres economistas podem derivar de experiências pessoais únicas, como o enfrentamento do sexismo na academia, como o fato da maioria das mães criarem os filhos, nesses casos alguns economistas mulheres podem estar mais inclinadas a questionar alguns pressupostos econômicos. Mas essas percepções surgem das experiências individuais, não sendo determinadas apenas pelo gênero, afinal há homens que também criam seus filhos.

Quando Strober (1994) comenta que os interesses das mulheres são prejudicados pela teoria econômica só focar nos conceitos de escassez, egoísmo e competição. Se esses conceitos fossem repensados haveria benefícios não apenas para as mulheres, mas para a Ciência Econômica como um todo.

No contexto do feminismo, é fundamental destacar que o conceito de gênero é compreendido de maneiras diversas. Enquanto alguns estudiosos adotam definições superficiais ou restritas, que se limitam a contar mulheres ou realizar análises estatísticas com base no gênero, outros defendem uma abordagem abrangente que relaciona o gênero às assimetrias de poder entre homens e mulheres na sociedade. Nessa perspectiva, o gênero é considerado um conjunto de atributos que delineiam as relações de poder entre diferentes grupos, como raça, idade, classe social e gênero, entre outros. (ROBEYNS, 2000)

A economia feminista adota essa compreensão abrangente do gênero e concentra-se na interseccionalidade, reconhecendo que as disparidades de gênero são influenciadas por outras formas de opressão e discriminação. Dessa forma, a economia feminista procura analisar e questionar as múltiplas e complexas estruturas sociais que contribuem para a desigualdade de gênero. Por meio de uma abordagem crítica e inclusiva, a economia feminista busca promover uma sociedade mais equitativa e justa, na qual as interações econômicas e sociais se baseiem na equidade

e nos direitos de todos os indivíduos, inclusive no âmbito econômico. (ROBEYNS, 2000).

É importante destacar que houve muitas mulheres dentro da Ciência Econômica que não se declaravam feministas e suas contribuições teóricas não eram relacionadas diretamente ao feminismo, por mais que possa haver interpretações atuais acerca de suas contribuições do passado. Muitas pensadoras do século XIX defendiam, por exemplo, o acesso à educação para mulheres de suas classes sociais, e fazer um julgamento as considerando feministas ao olhar do século XXI poderia ser anacrônico. Ainda assim suas contribuições são válidas para a economia e devem ser destacadas igualmente.

## 2.2 MULHERES ECONOMISTAS E O MOVIMENTO SUFRAGISTA

À medida que nos aprofundamos na intrincada história econômica, encontramos um notável ponto de concordância entre a filosofia econômica das mulheres e o movimento pelos direitos das mulheres. O movimento sufragista, que se caracteriza por uma busca incansável pelo direito de voto das mulheres, teve um impacto significativo no campo da Economia, mulheres que outrora eram economistas participaram do movimento para defender esses objetivos sociais e econômicos.

Durante o século XIX e início do século XX, o movimento pelos direitos das mulheres atingiu um novo pico, esse movimento desafiou o patriarcado e exigiu participação política e representação igualitária. Nesse contexto, muitas mulheres economistas ganharam destaque, combinando sua perspectiva econômica com sua filosofia feminista para defender os direitos das mulheres.

Algumas das economistas e pensadoras esquecidas pela Ciência Econômica defenderam o direito ao sufrágio universal como por exemplo Millicent Garrett

Fawcett<sup>9</sup>, que lutou desde o início para o direito do voto feminino na Inglaterra. Clara Collet<sup>10</sup>, economista britânica, também participava de reuniões das sufragistas.

A relação entre a teoria econômica e o movimento sufragista aumentou à medida que as mulheres economistas desenvolveram análises críticas das disparidades econômicas baseadas em gênero. Elas questionaram a disparidade salarial entre homens e mulheres, discutiram a segregação ocupacional e examinaram os obstáculos que impediam o acesso das mulheres à força de trabalho.

Pensadoras críticas da questão do sufrágio, como Clara Zetkin<sup>11</sup>, defendia o sufrágio, mas que ele teria de vir com a luta de classes. Zetkin afirma que “a conquista do sufrágio universal em alguns países revela que esse direito tem pouco valor se não for acompanhado pela liberdade econômica.”<sup>12</sup> Assim como Zetkin, Rosa Luxemburgo também defendia que o sufrágio deveria vir acompanhado da revolução socialista

Por outro lado, o movimento sufragista também influenciou a filosofia econômica das mulheres, o que forneceu um pano de fundo e um ímpeto para suas investigações. O conflito pelo direito de voto e a busca pela igualdade política demonstraram as estruturas sociais e econômicas que levavam à desigualdade de gênero. Essa maior consciência das questões de gênero levou os economistas a investigar as causas econômicas das disparidades e propor soluções que não fossem limitadas pelos limites convencionais do pensamento econômico da época.

---

<sup>9</sup> Millicent Garret Fawcett nasceu em 11 de junho de 1847, em Suffolk, Inglaterra e faleceu em 5 de agosto de 1929, Londres. Fawcett lutou incansavelmente pelos direitos políticos das mulheres e foi presidente da National Union of Women's Suffrage Societies. Em 1867, Fawcett presenciou o primeiro debate no Parlamento britânico sobre o sufrágio feminino. Desempenhou um papel fundamental na conquista do direito de voto para as mulheres britânicas, que foi alcançado com o Representation of the People Act de 1918. Ela também foi uma das fundadoras do Newnham College, em Cambridge, uma das primeiras faculdades universitárias inglesas para mulheres. Em seus debates sobre a condição de trabalho das mulheres para Fawcett “não se tratava de buscar igualdade salarial entre homens e mulheres, mas sim remunerar a qualidade do trabalho realizado.” (BLAS; ABAROA, 2007, p. 42)

<sup>10</sup> Clara Elizabeth Collet nasceu em 10 de setembro de 1860, em e faleceu em 3 de agosto de 1948. Ela foi a primeira mulher Fellow do University College de Londres e dedicou sua vida profissional de para melhorar o status das mulheres. Ela realizou estudos detalhados sobre estatísticas relacionadas ao emprego das mulheres, revelando salários baixos e condições precárias. Collet também desempenhou papéis ativos em diversas organizações, como a British Economic Association e o New Survey of London Life and Labour. (P. C. M., 1948, pp. 252–54.

<sup>11</sup> Clara Zetkin nasceu em 5 de julho de 1857 em Wiederau, na região da Saxônia, na Alemanha. E faleceu em 20 de junho de 1933, na então União Soviética. Ao longo de sua vida, Clara Zetkin escreveu extensivamente sobre questões relacionadas ao feminismo, socialismo e luta de classes. Ela foi uma defensora dos direitos das mulheres e desempenhou um papel fundamental no estabelecimento do Dia Internacional da Mulher, celebrado em 8 de março. Era muito amiga de Rosa Luxemburgo. As duas foram grandes líderes dentro do socialismo. (BADIA, 2003, p. 15 – 328)

<sup>12</sup> Clara Zetkin em “Pela libertação das mulheres!” no Congresso dos Trabalhadores Internacional de 1889 realizada em Paris, na sessão de 19 de julho.

Economistas feministas argumentaram que essas suposições ontológicas sobre a natureza humana tanto em relação aos membros da família, bem como em relação a outros, são exageradas e, portanto, formam uma deturpação da realidade. Além disso, essas suposições são androcêntricas no sentido de que elas são tendenciosas em favor do interesse dos homens. (ROBEYNS, 2000, p 7).

A interseção entre mulheres economistas e o movimento sufragista foi fundamental para o avanço do progresso em ambos os campos. Os economistas obtêm uma melhor compreensão dos problemas econômicos que as mulheres enfrentam e usam seus conhecimentos para defender mudanças políticas e sociais. Por sua vez, o movimento sufragista forneceu o contexto e o ímpeto necessários para que esses economistas levantassem questões de gênero na análise econômica.

### 2.3 A INCLUSÃO DAS MULHERES NA HPE

A contribuição teórica de mulheres para a Ciência Econômica não é algo novo, ao longo dos séculos houve muitas mulheres que contribuíram de alguma forma para o desenvolvimento da ciência; fossem elas ideias inovadoras ou pequenas contribuições a discussões da época. Mas como visto no capítulo 2 e nas bibliografias que discorrem sobre mulheres dentro das Ciências econômicas, não é estudado ou trabalhado nenhuma das autoras, nem das que mais publicaram artigos e das que tiveram menos textos publicados e/ou divulgados. É necessário também destacar as que escreveram junto a seus esposos, muitos dos quais retiraram os nomes das mulheres de suas obras, a elas sobrando muitas vezes um mero agradecimento, isso do que se foi resgatado.

A história do pensamento econômico teve contribuições desde o período da economia clássica com Janet Marcet (1769-1858) e sua obra “Conversations on political economy” em que se propôs explicar economia de uma forma simples para promover a divulgação dessa ciência. Harriet Martineau (1802-1876), foi uma das primeiras mulheres a escrever sobre economia política e Millicent Garrett Fawcett (1847-1929), uma das principais figuras do movimento sufragista e defensora dos direitos das mulheres. Fawcett também contribuiu para a economia política, defendendo a igualdade de gênero no acesso ao trabalho e à educação.

Passando pelas várias economistas também britânicas, Harriet Hardy Taylor Mill (1807-1858), que em muito colaborou na obra do tão lembrado e estudado, John



Stuart Mill. Clara Collet (1860-1948), também foi uma defensora dos direitos das mulheres e lutou pela igualdade de gênero no campo econômico. Beatrice Webb (1858-1943), fundadora da *London School of Economics* (LSE) e um dos nomes mais importantes dentro da sociedade Fabiana, na Inglaterra. Também teve contribuições de Mary Paley Marshall (1850-1944), muitas vezes apenas conhecida como a esposa de Alfred Marshall, que contribuiu com a pesquisa de ambos que mais tarde viria ser publicada somente com o nome dele, até chegarmos em Joan Robinson (1903-1983), reconhecida por sua contribuição em boa parte dos livros de HPE ainda que de forma bem discreta em muitos deles, sendo uma das poucas economistas citadas. Rosa Luxemburgo (1871-1919), grande teórica economista contribuiu mais do que é reconhecida para a obra de Karl Marx, foi um dos nomes mais importantes dentro da social-democracia alemã e do socialismo. Clara Zetkin (1857-1933), companheira de luta de Rosa, grande nome dentro do feminismo socialista e do dia da mulher. Edith Penrose (1914-1996), que questionou os fundamentos essenciais nos quais a teoria da empresa se baseou, apresentando alternativas aos modelos convencionais de crescimento e tamanho ideal das empresas. (RUBIO; CUBERO, 2007).

Citar todas as teóricas e suas contribuições é impossível pela magnitude do trabalho em questão, mas enfatiza o ponto de que as mulheres estavam pensando e escrevendo economia ao mesmo tempo que os homens. Que aquelas questões também as interessavam.

Nesse ponto, é importante questionar o que Londa Schienbinger (2001) questiona em seu livro "O feminismo mudou a ciência?" A ideia de que as mulheres só se tornaram cientistas no século XX não é precisa. Nos séculos XVII e XVIII, tanto homens quanto mulheres tiveram a oportunidade de trabalhar na ciência. (SCHIENBINGER, 2001, p. 60). Embora as universidades não fossem acolhedoras para as mulheres e as excluíssem do estudo desde o século XII até o final do século XIX, algumas mulheres conseguiram estudar e lecionar em universidades a partir do século XIII, principalmente na Itália. (SCHIENBINGER, 2001, p 61)

Durante a Revolução Científica, por exemplo, nos séculos XVII e XVIII, as instituições científicas foram estabelecidas com a suposição de que os cientistas seriam homens, deixando as mulheres limitadas em sua participação na ciência. Essas instituições, como universidades, academias e indústrias, foram estruturadas com a expectativa de que os cientistas teriam esposas em casa para cuidar deles e de suas famílias. (SCHIENBINGER, 2001, p 69)

A história das mulheres na ciência, contudo, não foi caracterizada por uma marcha de progresso, mas por ciclos de avanço e recuo. A situação das mulheres mudou junto com as condições sociais e os climas de opinião. (SCHIENBINGER, 2001, p.74)

Seiz (1993) afirma que há pouco interesse por parte dos historiadores do pensamento econômico nas questões de gênero dentro da Economia e em relação a contribuições de mulheres. Comprova-se isso ao se verificar os principais livros-resumos de história do pensamento econômico e quase não encontrar pensadoras. Seiz (1993) ainda destaca que não sabemos sobre o que as economistas estudaram sobre gênero porque não temos acesso a essas informações

[...]sabemos lamentavelmente pouco sobre o que os economistas disseram (e não disseram) sobre gênero. Como os economistas, antes da década de 1960, explicaram e julgaram a divisão de trabalho por gênero? Quanto reconhecimento da variedade e do valor da atividade econômica das mulheres tem estado presente nas descrições dos economistas sobre a vida econômica? (SEIZ,1993, p. 3)

[...]E nós sabemos quase nada sobre quantas mulheres trabalharam como economistas no passado, que tipo de trabalho elas fizeram e em que condições, e como seu trabalho foi recebido. (SEIZ,1993, p. 4)

Seiz (1993) discute o papel do homem na exclusão das mulheres no campo da Economia e menciona as críticas de Julie A. Nelson e Diana Strassmann às normas científicas e disciplinares que valorizam os traços masculinos em detrimento dos femininos. As teóricas marxistas e feministas, por exemplo, destacam que os modelos econômicos tradicionais servem aos interesses dos privilegiados, ignorando aspectos essenciais da opressão. Nelson sugere que o conceito de *homo economicus* é masculino e inadequado para compreender a experiência econômica das mulheres.

Dentre tantas mulheres economistas, em cenários tão diversos, destacamos neste trabalho a contribuição de Rosa Luxemburgo, que a despeito de ter produzido ideias ousadas e de vanguarda, poderia ter um reconhecimento mais incisivo por parte da academia.

### 3 A DISCIPLINA DE HISTÓRIA DO PENSAMENTO ECONÔMICO NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO DO BRASIL

Neste capítulo, exploramos a importância da História do Pensamento Econômico (HPE) para o desenvolvimento da área de Economia. Faremos uma crítica à forma como o tema da HPE é, por diversas vezes, contextualizado nos principais cursos de graduação em Economia, ainda que seja central para a formação crítica e reflexiva dos futuros economistas. Ao concluir este capítulo, pretendemos enfatizar a relevância da HPE para o ensino e a prática da Economia e estimular uma maior valorização da disciplina e sua integração no currículo de Economia.

Os estudos econômicos desempenham um papel vital na compreensão das relações sociais e do funcionamento das sociedades ao longo da história. No entanto, a área de Economia nem sempre deu a devida atenção às questões de gênero e à influência da construção social. O livro "*Beyond Economic Man*" (1993)<sup>13</sup>, de autoria de Marianne A. Ferber e Julie A. Nelson, oferece uma análise perspicaz da relação entre gênero e construção econômica e social:

O ponto mais óbvio a ser feito sobre gênero e a construção social da economia é que, historicamente, e continuando até os dias atuais, os homens dominaram a comunidade de estudiosos que criaram a disciplina. Igualmente importante, o gênero também afeta a construção da disciplina em termos do ponto de vista a partir do qual o mundo é percebido e a forma como a importância e a relevância das questões são avaliadas. Certas atividades e experiências que são historicamente de maior interesse para as mulheres do que para os homens têm sido frequentemente negligenciadas. Além disso, mesmo quando os economistas tentam entender fenômenos de domínios tradicionalmente femininos como o lar e a família, os resultados são muitas vezes julgados como insatisfatórios por feministas que acreditam que a análise das experiências das mulheres é inadequada ou mesmo tendenciosa. (NELSON; FERBER, 1993, p.2, tradução livre pela autora)

Ferber (1993) sugere assim que sendo o estudo da economia geralmente dominada por homens, e não sendo possível a estes, pela natureza de seu gênero, compreender fenômenos e pontos de vista tradicionalmente femininos, a análise das experiências das mulheres foge à realidade percebida.

---

<sup>13</sup> The most obvious point to be made about gender and the social construction of economics is that historically, and continuing to the present day, men have dominated the community of scholars who have created the discipline. Equally important, gender also affects the construction of the discipline in terms of the standpoint from which the world is perceived, and the way the importance and relevance of questions are evaluated. Certain activities and experiences that are historically of greater concern to women than to men have all too frequently been neglected. Further, even when economists have attempted to understand phenomena from such traditionally feminine realms as the home and family, the results are often judged as unsatisfactory by feminists who believe that the analysis of women's experiences is inadequate or even biased. (NELSON; FERBER, 1993, p.2)

Vale a pena notar que a HPE é frequentemente negligenciada pelos economistas, que tendem a se concentrar em teoremas exclusivamente contemporâneos. No entanto, entender a evolução do pensamento econômico ao longo do tempo é essencial para uma análise crítica e aprofundada da Economia. Como Caldwell (2012) afirma, "o curso de história da economia é ideal para desenvolver o que costumamos chamar de habilidades de "pensamento crítico" (Caldwell, 2012, p15)<sup>14</sup>. Ao estudar teorias e ideias econômicas que surgiram em diferentes épocas e contextos, podemos identificar as fontes dos debates e controvérsias atuais e explorar novas perspectivas e abordagens para enfrentar os desafios econômicos atuais e futuros.

### 3.1 Análise das Ementas de HPE de Cursos de Economia

É prática comum que a disciplina de História do Pensamento Econômico (HPE) seja ministrada por meio de manuais que apresentam explicações e resumos das principais teorias e ideias econômicas que surgiram ao longo do tempo. Deve-se enfatizar, no entanto, que essa abordagem pode limitar a compreensão e o pensamento crítico dos alunos, pois os distancia da fonte primária e da sutileza e complexidade do pensamento do autor original.

Livros utilizados nas aulas de HPE no Brasil, como os de autoria de Ethan Hunt e Stanley Brue, podem apresentar lacunas quanto à inclusão das mulheres na história do pensamento econômico. Apesar da escassez de mulheres economistas em História do Pensamento Econômico de Hunt e História do Pensamento Econômico de BRUE, a literatura feminista traz uma discussão significativa sobre a importância de estudar mulheres dentro do contexto da história econômica.

Hunt (1985) escolheu priorizar alguns autores nem sempre muito divulgados, por considerar sua importância na história do pensamento econômico:

[...] a maioria das histórias do pensamento econômico não discute as ideias de Thompson, Hodgskin e Bastiat. Nós as incluímos, porque acreditamos serem exposições claras e convincentes de pontos de vista que, de uma forma apenas ligeiramente modificada, são muito importantes hoje. Da mesma forma, as ideias de Hobson, Luxemburgo e Lênin têm sido, geralmente, ignoradas na história do pensamento econômico. Contudo, para nós, suas ideias representam contribuições significativas para a compreensão dos debates contemporâneos sobre as implicações da globalização. (HUNT, 1985, p.20)

---

<sup>14</sup> *Speaking of writing, the history of economics course is ideal for developing what are often called "critical thinking" skills.* (Caldwell, 2012, p15)

Ainda que Hunt (1985) trabalhe de forma mais plural, incluindo parte de um capítulo para Rosa Luxemburgo e para Joan Robinson, ainda são poucas as teorias e trabalhos de mulheres sendo apresentadas com a mesma relevância que o trabalho dos homens.

Nesse sentido, é importante realizar uma análise crítica da abordagem empregada na disciplina de HPE, que normalmente limita o olhar de uma perspectiva androcêntrica sobre a história econômica. Existem escritoras e projetos que têm um escopo mais amplo no que diz respeito à contribuição das mulheres para a Economia.

É desejado que a bibliografia recomendada e os autores a serem estudados na disciplina de HPE representem as diversas correntes e diversas faces do pensamento econômico, bem como o atual estado da arte da ciência econômica. Considerando que a ementa da disciplina de HPE e a bibliografia recomendada representam, ao menos resumidamente os assuntos a serem estudados pelos alunos, propomos verificar a presença de economistas do sexo feminino no material de referência da disciplina de HPE de 10 cursos de Economia brasileiros.

### **3.1.1 Critério para escolha dos cursos de Economia**

A fim de ilustrar a ausência de foco na leitura dos autores originais e a inclusão de mulheres nas aulas de cursos de Ciências Econômicas no Brasil, apresentamos o quadro a seguir que sintetiza o conteúdo estudado em História do Pensamento Econômico (HPE) em 10 cursos de ciências econômicas. É fundamental reconhecer que este quadro não pretende servir como um guia para estudantes de Economia que desejam expandir seus conhecimentos em HPE, mas alertar sobre a necessidade de uma abordagem mais crítica e reflexiva da disciplina, que inclui a leitura e análise das principais obras dos principais pensadores econômicos, bem como a inclusão das perspectivas das mulheres.

Neste trabalho utilizaremos o conceito do Enade como base desta pesquisa, posto que o Enade é uma ferramenta de avaliação padronizada nacionalmente, projetada para medir a qualidade do programa de forma holística.

O recorte de cursos a serem analisados considera a frequência com que o curso foi avaliado pelo ENADE, bem como o número de participantes da instituição que realizaram a prova. No ano de 2018, 195 cursos de Economia foram avaliados

pelo ENADE, conforme lista incluída no Anexo A. Destes muitos tiveram poucos participantes, 15 instituições, por exemplo, foram representadas com menos de 5 alunos, enquanto outras com mais de 150 inscritos. Optou-se, portanto, por incluir nesta análise cursos bem avaliados, mas com número de participantes superior a mediana de inscritos, sem pretensão de questionar a qualidade dos demais ou de esgotar o assunto. A mediana foi escolhida como métrica porque pode fornecer uma visão mais equilibrada e menos suscetível a valores extremos. Para turmas em que apenas uma pessoa faz o exame, a mediana se torna uma métrica relevante.

A mediana de alunos inscritos, neste universo de 195 cursos corresponde a 28. Entre os 10 cursos mais bem avaliados, 3 inscreveram menos de 28 alunos, 9 cursos são da região sudeste e um do centro oeste, acabando por se tornar uma amostra pouco representativa do Brasil.

Excluídos os cursos com número de alunos inscritos abaixo da mediana, permanece a questão da representatividade da amostra, de forma que se optou por analisar 7 dos cursos que se encaixam nos critérios pretendidos, e por incluir ao menos um curso do sul do Brasil, no caso, o da UDESC, o curso da FGV e IBMEC, pelo aspecto diferenciado em relação aos outros cursos. Todos, no entanto, bem avaliados com nota 4 ou 5 no ENADE.

O Quadro 1 apresenta 10 instituições bem avaliadas que oferecem o curso de Economia, e que:

- Participaram do ENADE nas últimas 5 edições;
- Foram representadas por ao menos 28 alunos inscritos;
- Foram incluídas por escolha da autora do trabalho conforme explicado anteriormente;

Ressalta-se que, devido ao escopo e às limitações deste estudo, algumas instituições universitárias de renome, como a Universidade de São Paulo (USP) e a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), serão excluídas da análise. Essa exclusão se deve ao fato dessas instituições não participarem de todas as edições do Enade.

Nos quadros a seguir listamos e comparamos as informações sobre a disciplina de HPE nestes cursos, e sobre a representatividade do pensamento das mulheres nos livros indicados pelas instituições.

No anexo B apresentamos as ementas das disciplinas de HPE destes cursos.

Quadro 1 – Cursos selecionados para análise.

<b>Curso/universidade</b>	<b>sigla</b>	<b>estado</b>	<b>Nota ENADE</b>
Escola Brasileira de Economia e Finanças	EBEF/FGV	RJ	5
Universidade Federal de Minas Gerais	UFMG	MG	5
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro	PUC-RIO	RJ	5
Universidade de Brasília	UNB	DF	5
Universidade Federal do Rio de Janeiro	UFRJ	RJ	5
Universidade Federal de Viçosa	UFV	MG	4
Fundação Universidade do Estado de Santa Catarina	UDESC	SC	4
Escola de Economia de São Paulo	EESP/FGV	SP	4
Universidade Estadual de Campinas	UNICAMP	SP	4
Centro Universitário IBMEC	IBMEC	RJ	4

Fonte: Elaborado pela autora com base em dados do ENADE 2018

### **3.1.2 Citações às autoras nas ementas e livros**

Após a definição dos 10 cursos a serem analisados quanto a citação ou referência a autores mulheres na disciplina de HPE, passou-se a realizar a busca pelas ementas das disciplinas de HPE e da lista de livros recomendados para leitura. As universidades: UNICAMP, IBMEC e EESP/FGV não disponibilizam as informações, prejudicando a análise do conjunto. As demais instituições disponibilizam os dados para consulta pública.

O Quadro 3 apresenta o resultado da busca por citações a mulheres economistas ou pensadoras nos livros recomendados para leitura nas disciplinas de HPE destas instituições.

Já o Quadro 2 apresenta, resumidamente, a inclusão ou a não inclusão da disciplina de HPE no programa do curso. Além disso, abrange a presença ou não de economistas mulheres nos livros indicados para leitura pelos alunos. E também menciona se a disciplina de HPE é lecionada por homens ou mulheres.



Quadro 2 – Cursos analisados e suas relações entre a disciplina de HPE e as mulheres

<b>curso/universidade</b>	<b>SIGLA</b>	<b>Há a disciplina de HPE no currículo?</b>	<b>No programa da disciplina cita mulheres?</b>	<b>ano do currículo</b>	<b>Disciplina lecionada por homens ou mulheres</b>
Escola Brasileira de Economia e Finanças	EBEF/FGV	sim	não	2022	Homem
Universidade Federal de Minas Gerais	UFMG	sim	não	2022	Homens e mulheres
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro	PUC-RIO	sim	não	2022*/2023	Homem
Universidade de Brasília	UnB	sim	sim	2020	Mulher
Universidade Federal do Rio de Janeiro	UFRJ	sim	não	2022	Homens e mulheres
Universidade Federal de Viçosa	UFV	sim	não	2023	sem informação
Fundação Universidade do Estado de Santa Catarina	UDESC	sim	não	-	Mulher
Escola de Economia de São Paulo	EESP/FGV	sim	sem informação	-	sem informação
Universidade Estadual de Campinas	UNICAMP	sim	sem informação	-	Homem
Centro Universitário IBMEC	IBMEC	sim	sem informação	-	sem informação

Fonte: elaborado pela autora, com base nas informações dos sites das instituições, conforme listado nas referências.

No quadro 2 é possível observar que a presença de autoras mulheres no programa da disciplina de História do Pensamento Econômico (HPE) varia entre as instituições analisadas. Na EBEF/FGV e na UFMG, assim como na PUC/RIO, não há menções a mulheres no programa, o que indica uma falta de inclusão dessas autoras no estudo do pensamento econômico nessas instituições. Essa ausência pode contribuir para a sub-representação das mulheres nesta área do conhecimento.

Por outro lado, é positivo observar que na UNB a disciplina de HPE menciona livros escritos por mulheres no programa, demonstrando uma maior representatividade e inclusão. Essa abordagem mais inclusiva pode possibilitar a ampliação das perspectivas e o acesso a diferentes vozes no estudo do pensamento econômico.

No caso da UFRJ, embora a disciplina de HPE esteja presente no currículo, não há menções a mulheres no programa. No entanto, é mencionado que o curso inclui tanto homens quanto mulheres como professores, o que pode trazer uma perspectiva mais diversa nas discussões.

Porém, em relação à UFV, não há informações disponíveis sobre a inclusão de autoras mulheres no programa da disciplina, nem sobre a identidade de gênero dos professores que a lecionam, o que dificulta a avaliação da representatividade de mulheres nesse contexto.

Na UDESC, é positivo notar que a disciplina de HPE é lecionada por mulheres, o que poderia indicar uma maior representatividade e inclusão de autoras mulheres no estudo do pensamento econômico. No entanto, não há menções a mulheres no programa da disciplina.

Quanto às instituições EESP/FGV, UNICAMP e IBMEC, não há informações disponíveis sobre o programa da disciplina, impossibilitando a avaliação da presença de mulheres nesse contexto. No entanto, é mencionado que na UNICAMP a disciplina é lecionada por um professor homem. Esses dados destacam a importância de promover uma maior inclusão de autoras mulheres no estudo do pensamento econômico na disciplina de HPE, visando uma perspectiva mais abrangente e diversificada no ensino e na pesquisa nessa área.

Não é possível estabelecer uma correlação direta entre a disciplina ser lecionada por homens ou mulheres com base nessa amostra de cursos, pois isso pode variar de acordo com o contexto específico de cada instituição e curso e seria necessário um estudo mais aprofundado. A presença de professores homens ou

mulheres na disciplina pode depender de fatores como a disponibilidade de profissionais qualificados, políticas de contratação da instituição, entre outros. É importante ressaltar que a presença de professores de diferentes gêneros pode enriquecer a diversidade de perspectivas e contribuir para uma educação mais inclusiva e abrangente.

Também é relevante considerar a área de pesquisa e estudo de cada professor para compreender a relação entre a disciplina de HPE e o gênero dos professores. A designação de professores para lecionar a disciplina pode depender de sua especialização e pesquisa na área, o que pode afetar a inclusão de autoras mulheres no programa da disciplina. Portanto, é necessário considerar essa variável para uma análise mais precisa sobre a relação entre o gênero dos professores e a inclusão de autoras mulheres na disciplina de HPE.

Nesse sentido, é importante ressaltar que a análise realizada até o momento não levou em conta a área de pesquisa de cada professor, o que impossibilita afirmar se a área de pesquisa do professor é a HPE ou outra área sem relação direta com o conteúdo. Essa consideração é fundamental para uma análise mais completa sobre a inclusão de autoras mulheres na disciplina de HPE e sua relação com a área de estudo dos professores.

Quadro 3 – Citações sobre economistas mulheres nos livros dos recomendados nas disciplinas

Curso	Livros	Menção a mulheres
EBEF/FGV	BARBER, William J. <b>A History of Economic Thought</b> . Connecticut, Wesleyan University Press, 2009.	Não há.
	GALA, Paulo & REGO, José Marcio (orgs.) <b>A história do pensamento econômico como teoria e retórica: ensaios sobre metodologia em Economia</b> . São Paulo: Ed. 34, 2003.	O texto se trata de um compilado de artigos reunidos por Paulo Gala. Entretanto, cabe destacar que há duas mulheres autoras economistas dentre os autores. Não escrevem sobre economia feminista e sim sobre economia. Não existe especificamente o foco na mulher e nem em pensadoras mulheres.
UFMG	Cardoso, José Luís. " <b>Methods in the history of economic thought</b> " in: Faccarello, Gilbert, & Heinz D. Kurz. Handbook on the history of economic analysis. Volume 3. Cheltenham: Edward Elgar, 2016.	Não se aplica porque trata sobre um assunto muito específico
	Roncaglia, Alessandro. <b>The wealth of ideas: a history of economic thought</b> . Cambridge: Cambridge U.P., 2005.	Apresenta citações de autoras em algumas partes ao longo do texto, mas nenhum capítulo ou subcapítulo dedicado a alguma pensadora/economista
PUC-RIO	Screpanti, E.; Zamagni. S. <b>An Outline of The History of Economic Thought</b> ; Oxford: Oxford Univ. Press, 2005.	Apresenta um trecho de 5 páginas sobre a Joan Robinson e menciona o feminismo de uma forma geral em alguns parágrafos no final do livro.
	Walsh, V.; Gram, H. <b>Classical and Neoclassical Theories of General Equilibrium: Historical Origins and Mathematical Structure</b> ; Oxford: Oxford Univ. Press, 1980.	No sumário não há referências a mulheres exceto os agradecimentos a revisão feita por Joan Robinson
	Roll, E. <b>A History of Economic Thought</b> ; USA: Faber & Faber, 1992.	Não encontrado

Curso	Livros	Menção a mulheres
UNB	HUNT, E. K. <b>História do pensamento econômico</b> . 512 p. Rio de Janeiro: Elsevier: Campus, 2005	Há a presença de economistas mulheres em alguns capítulos.
UFRJ	BLAUG, M. (1997). <b>Economic Theory in Retrospect</b> . Cambridge: Cambridge University Press	O texto discute Joan Robinson, mas não há um capítulo dedicado a autora. Cita Beatrice Webb, mas sempre acompanhada do esposo.
UFV	CARNEIRO, R. (Org.) <b>Os Clássicos da economia</b> . São Paulo: Ática, 1997.	Não há capítulos sobre economistas ou pensadoras.
	BRUE, S. L. <b>História do pensamento econômico</b> . 2. ed. São Paulo: Thomson Learning, 2016.	Há subcapítulo para Joan Robinson

Nota: EESP/FGV, Unicamp e Ibmec não divulgam lista de livros e/ou ementas completas. Em nenhum livro com acesso público havia menções a mulheres.

Fonte: elaborado pela autora, com base nas informações disponíveis nos sites das instituições, conforme Anexo B.

### 3.1.3 Sobre citações das mulheres nos livros

Observa-se que o conteúdo estudado em História do Pensamento Econômico (HPE) nas disciplinas analisadas faz poucas menções a mulheres.

Apenas a UNB adota livros escritos por mulheres, Maria Luiza Falcão Silva e Adriana Moreira Amado. Como EESP/FGV, Unicamp e IBMEC não divulgam a lista dos livros o trabalho fica um pouco prejudicado. Ainda assim, das outras 6 instituições, UFV, UFRJ, EBEF/FGV, PUC-Rio, citam mulheres no programa da disciplina de HPE, ainda que de forma indireta. As demais, UDESC e UFMG, ainda que muito bem avaliadas e de grande tradição acadêmica, não o fazem.

Grandes economistas que realizaram importantes contribuições para o estudo da Economia não são apresentados aos alunos, ao menos na amostra analisada.

Para bem realizar a inclusão das perspectivas das mulheres é importante que os cursos de Economia incluam autoras economistas, bem como, e não é foco deste trabalho, inclua outras minorias que podem trazer interpretações diferentes para aspectos já trabalhados na visão eurocêntrica, por economistas homens brancos.

É crucial reconhecer que o quadro 3 mostra uma discrepância no currículo dos cursos de Economia, a falta de leitura direta dos trabalhos escritos originais de grandes pensadores econômicos e de inclusão de contribuições de mulheres no campo nos leva a considerar o valor de uma abordagem mais abrangente que valorize a análise crítica das ideias e teorias econômicas e promova uma compreensão mais complexa e contextualmente apropriada do pensamento econômico ao longo da história.

Os resultados nos levam a considerar a importância de promover o estudo direto das obras primárias dos principais pensadores econômicos, bem como a participação ativa das mulheres na área. Somente por meio de uma abordagem mais crítica, reflexiva e inclusiva, a HPE permitirá que os economistas entendam e enfrentem os desafios contemporâneos da teoria econômica de maneira mais abrangente e sólida.

## 4 CONTRIBUÇÕES TEÓRICAS DAS ECONOMISTAS REVOLUCIONÁRIAS DO SÉCULO XX: UM OLHAR SOBRE ROSA LUXEMBURGO

Se a disciplina de HPE objetiva entender a evolução do pensamento econômico ao longo do tempo e mulheres economistas contribuíram para a Ciência Econômica, seria esperado que seus trabalhos fossem incluídos nos currículos dos cursos de Economia.

Uma das economistas que faria *jus*, considerando a grandeza e ousadia do trabalho, foi Rosa Luxemburgo, uma polonesa-alemã, que mesmo defendendo o socialismo, questionou as teorias de Marx, e se posicionou contra a guerra que a Alemanha iniciava, e que posteriormente se tornou a 1ª Guerra Mundial.

Outras economistas de renome da mesma época, Clara Zetkin e Beatrice Webb, contribuíram não só para a Economia, mas para o feminismo, cuja luta resultou em drásticas mudanças na sociedade.

O trabalho de Rosa Luxemburgo, ao mesmo tempo questionando ideias socialistas e capitalistas, se mostrou a frente de seu tempo, prevendo problemas que ainda hoje as sociedades tentam resolver. Estudar Rosa Luxemburgo, uma mulher que não se restringiu ao papel esperado das mulheres de sua época, pode contribuir para uma perspectiva mais inclusiva e diversificada no campo da economia.

### 4.1 ROSA LUXEMBURGO

Rosa Luxemburgo (1871-1919) é um nome famoso mesmo fora dos círculos acadêmicos. Foi uma economista e ativista política polaco-alemã conhecida por seus ensaios e livros sobre a teoria marxista e imperialismo, sendo "*A Acumulação do Capital*" sua obra mais reconhecida. Luxemburgo nasceu em 5 de março de 1871 em Zomoch, uma pequena cidade polonesa, que na época estava sob o domínio do Império Russo.

Sua família era judaica de classe média e considerava a educação como algo muito importante. Em 1873, a família muda-se para Varsóvia, onde, de 1880 até 1887 a jovem Rosa pode ver no Segundo Liceu Para Raparigas de Varsóvia a opressão da Rússia Czarista sobre a Polônia e aos judeus já que a língua polaca estava excluída do ensino. Seu sofrimento com perseguição racial e todas as injustiças da política da época deram origem à um sentimento de oposição à injustiça.

Em 1893 foi cofundadora da Social-Democracia do Reino da Polónia (SDKP) junto com Leo Jogiches, Julian Marchlewski e Adolf Warszawski. Leo Jogiches era um ativista socialista polonês e um dos líderes da Esquerda Socialista Alemã. Ele era um amigo próximo e colaborador político de Rosa Luxemburgo. Juntos, Luxemburgo e Jogiches participaram de muitas lutas políticas e sociais e trabalharam juntos para desenvolver e difundir suas ideias socialistas. Eles eram conhecidos por seus discursos e escritos enérgicos e persuasivos, que inspiraram muitas pessoas na Alemanha e em todo o mundo a se unirem à luta pelo socialismo. (AZNAR, 2007).

Aos 27 anos tornou-se cidadã alemã por meio de um casamento de conveniência com Gustav Lübeck, um ativista socialista alemão, de quem veio a se divorciar pouco tempo depois. No entanto, o casamento lhe permitiu viver e trabalhar na Alemanha e participar do movimento socialista alemão. Lá, ela se juntou ao Partido Social-Democrata Alemão (SPD), como jornalista, oradora e professora de escola de quadros do partido e tornou-se uma ativista política dedicada.

Defendia a ortodoxia marxista e o ideal revolucionário e fez uma revisão crítica do livro de Eduard Bernstein, "*Evolutionary Socialism*" (DIMAND; DIMAND; FORGET, 2000). Conforme Dimand, Dimand, Forget (2000) destaca, em 1899 Luxemburgo republicou dois conjuntos de artigos com o título "*Social Reform or Revolution?*" em que defendia que sindicatos, partidos políticos e a social-democracia – embora importantes para o desenvolvimento da consciência de classe do proletariado – não poderiam criar uma sociedade socialista como Bernstein argumentou. Argumentava que a revolução é necessária para transformar o capitalismo em socialismo.

Em 1901, foi convocada para contribuir com um artigo e falar no congresso anual do partido, o que ajudou a consolidar a posição anti-revisionista. Como resultado, se tornou uma influência cada vez maior no SPD e estabeleceu contato pessoal com seus principais líderes. De 1904 a 1914 representou a Social-Democracia do Reino da Polónia SDKP no *Bureau da Internacional Socialista* em Bruxelas. Com o tempo tornou-se a principal força intelectual e voz pública desse partido. Em 1907, foi escolhida como professora de economia política na escola fundada pelo Partido Social-Democrata Alemão em Berlim. Começou a escrever um livro para apoiar suas aulas, mas encontrou dificuldades nas obras de Marx que não conseguiu resolver, pois não estava satisfeita com a explicação sobre o incentivo para investir no capitalismo. (AZNAR, 2007)



Luxemburgo apoiou a ideia de uma greve geral na Alemanha, incentivando os socialistas alemães a seguirem o exemplo russo. Também trabalhou na Polônia para moldar a consciência de classe dos novos membros do SDKP. Entretanto, sentiu-se impotente em Berlim e partiu para Varsóvia para continuar sua luta revolucionária. No entanto, foi presa e libertada posteriormente. Seguiu seu trabalho revolucionário por meio do SDKP. (DIMAND; DIMAND; FORGET, 2000).

Depois das eleições do Reichstag de 1907, em que o SPD perdeu muitos assentos, o executivo tomou medidas para se tornar mais conservador e Luxemburgo ficou em relativo silêncio político até 1910. Em 1910, uma mudança no cenário político obrigou o executivo do SPD a se manifestar contra a posição de Luxemburgo, e ela retornou a falar publicamente para radicalizar a campanha pela reforma do sufrágio. No entanto, ela foi rejeitada pelo executivo do SPD, e entrou em oposição aberta à política do partido até o resto de sua vida. Apesar de seus melhores esforços, Luxemburgo e os radicais eram uma minoria no partido, o que foi destacado pelo aumento do número de cadeiras do SPD nas eleições do Reichstag em 1911. (DIMAND; DIMAND; FORGET, 2000)

#### **4.1.1 Uma pacifista**

A origem de Rosa Luxemburgo e o contexto do mundo em que ela vivia foram necessários para que ela se tornasse quem foi. Compreender a época nos permite valorizar ainda mais seus feitos. Conforme Aznar (2007), Luxemburgo, vivendo na Alemanha antes da Primeira Guerra, ousou se posicionar contra a guerra e pelos direitos dos trabalhadores.

É neste contexto que Luxemburgo se torna quem é, uma economista que compreende um mundo em guerra, que vê a desigualdade social e percebe isso como um problema. No período que antecede a 1ª Guerra, assume uma postura pública pacifista, chegando a ser presa por seu posicionamento antimilitarista. De fevereiro a março de 1915 escreveu o panfleto de Junius contra a guerra e então, em 10 de julho de 1916, foi presa em Berlim, onde ficou sob custódia protetiva durante os dois anos seguintes. Acreditava que a Primeira Guerra poderia ter sido evitada se os trabalhadores se recusassem a lutar pelo imperialismo através de uma greve geral. (AZNAR, 2007)

Apesar de sua decepção, ela continuou defendendo a revolta, o socialismo internacional e o fim da guerra, tornando-se conhecida por seus detratores como "*The*

*Red Prima Donna*" ou "*Rosa Jew*". Acreditava que a classe trabalhadora deveria ser livre para cometer seus próprios erros e aprender a dialética histórica por si só, e que os erros cometidos por um movimento operário verdadeiramente revolucionário são historicamente mais valiosos do que a infalibilidade do melhor comitê central possível. (AZNAR, 2007)

Segundo Aznar (2007, p. 250), Luxemburgo argumentava que "a liberdade é quase sempre, exclusivamente a liberdade de quem pensa diferente de nós". Liberdade apenas para quem concorda não seria de fato liberdade.

Luxemburgo foi um das cofundadoras, juntamente com Karl Liebknecht, da Liga Spartacus, uma organização socialista, marxista, revolucionária, anti-imperialista e antimilitarista. Foi condenada pelo segundo tribunal penal do Tribunal de Frankfurt a um ano de prisão por um discurso contra a guerra. Quando foi levada a julgamento novamente pelo mesmo motivo, o SPD se envolveu em sua defesa. Com a eclosão da guerra em 1914, o patriotismo entre os trabalhadores alemães aumentou, e a oposição à guerra foi prejudicial politicamente para o SPD. Luxemburgo tentou organizar um grupo de membros do partido contra a guerra e criou um novo jornal, "*Die Internationale*". Foi presa em fevereiro de 1915 e escreveu duas obras longas na prisão. (DIMAND; DIMAND; FORGET, 2000)

Em novembro de 1918, a revolução que levou ao fim do regime imperial alemão e a instalação de um governo liderado pelo SPD libertou-a da prisão. A Liga Spartakus, sob a liderança de Liebknecht, Luxemburgo e Jogiches, recusou-se a colaborar com o novo governo e lançou um programa político independente com o objetivo de continuar a revolução. Em dezembro, criou-se o Partido Comunista Alemão (KPD). Rosa escreveu artigos para o novo órgão Spartakus, "*Red Flag*", para construir apoio popular. (DIMAND; DIMAND; FORGET, 2000)

Durante a Revolução Alemã de 1918 e no período posterior esteve envolvida em momentos que mudaram a Alemanha. Mesmo com a queda do Kaiser Guilherme |2|° da Alemanha em 9 de novembro de 1918, continuou suas atividades revolucionárias e liderou a revolta espartaquista de 1919. No entanto, a revolução foi suprimida pelo exército, e muitos revolucionários foram presos. Em 15 de janeiro de 1919, Rosa e Karl Liebknecht foram presos por um grupo paramilitar e assassinados enquanto eram levados para a prisão. O assassinato parecia ter sido preparado pelo governo, mas apenas um soldado e um oficial foram presos por dois anos. (AZNAR, 2007).

#### 4.1.2 Principais publicações

Luxemburgo escreveu vários livros e artigos sobre economia e política, além do mais célebre, "A Acumulação do Capital". Luxemburgo também é conhecida por suas críticas à ideia de socialismo de Estado e à Revolução Russa de 1917. (AZNAR, 2007)

No texto *Socialismo e as Igrejas*, publicado oficialmente em 1920 sob o pseudônimo de Jozef Chmura e escrito em 1905 durante a Revolução Russa, Luxemburgo escreve sobre a relação da igreja católica com os trabalhadores e critica a posição da igreja durante a revolução. Em determinados trechos, não mede palavras para apontar aos servos da igreja que não seguem o próprio livro sagrado, a bíblia.

Enfatiza sobre a liberdade do homem. Tudo dentro do contexto em que os trabalhadores pareciam estar desamparados e precisaram se unir, segundo Luxemburgo, para que alcançassem seus direitos e suas liberdades.

Em o *Socialismo e as Igrejas*, Luxemburgo (2002) afirmava que os sociais-democratas têm como propósito primordial unir-se e organizar os trabalhadores na batalha contra o capital, ou seja, contra aqueles que os exploravam, assim como na luta contra o governo czarista que parecia não estar do lado do povo.

Os sociais-democratas propõem-se, como objetivo, unirem-se e organizarem os trabalhadores na luta contra o capital, isto é, contra os exploradores que lhes sugam a última gota de sangue, e na luta contra o governo czarista que impede a libertação do povo. Os sociais-democratas, de todo o mundo e da própria Polônia, consideram a consciência e as opiniões pessoais como sendo sagradas. Todo o homem pode ter aquela fé e aquelas opiniões que lhe pareçam capazes de assegurar a felicidade. Ninguém tem o direito de perseguir ou atacar a opinião religiosa particular dos outros. Isto é o que os socialistas pensam. (LUXEMBURGO, 2002, p. 1)

Ela problematizou o papel das igrejas dentro do Império Czarista e contestou o real significado dos que se declaram seguidores de Jesus Cristo. Luxemburgo (2002) afirma que os sociais-democratas lutavam pelo fim da exploração da classe trabalhadora e que a Igreja deveria fazer o mesmo. E ainda questiona usando o próprio argumento da igreja ao longo do folheto publicado em 1905.

Não é Jesus Cristo (de quem os padres são servidores) quem ensina que "é mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no Reino dos Céus"? (LUXEMBURGO, 2002, p.2)

Todo o discurso de Luxemburgo, ao longo do livro, acaba voltando para os trabalhadores, quando crítica mais uma vez a igreja pela postura de caridade com os pobres. No seu entendimento, não deveria ser a caridade o objetivo, mas que os trabalhadores tivessem acesso à terra e aos meios de produção.

Bem, aqui está por que os sociais-democratas consideram estas coisas de um modo diferente dos comunistas cristãos. Eles dizem: "Não queremos que os ricos repartam com os pobres: não queremos nem caridade nem esmolas; ambas as coisas são incapazes de impedir o retorno da desigualdade entre os homens. Não é de modo algum uma partilha entre ricos e pobres que nos desejamos, mas a completa supressão de ricos e pobres". Isto é possível desde que as fontes de toda a riqueza, a terra, em comum com todos os outros meios de produção e instrumentos de trabalho, se torne propriedade coletiva do povo trabalhador que irá produzir para si próprio, de acordo com as necessidades de cada um. (LUXEMBURGO, 2002, p 6)

Por fim, Luxemburgo (2002) conclui com mais uma dura crítica a igreja, e como ela usa de seus meios para ficar contra os trabalhadores; chama os trabalhadores para a luta, mesmo que a luta seja contra os servos da igreja.

Mas desde o momento que os padres usam púlpito como um meio de luta contra as classes trabalhadoras, os trabalhadores devem lutar contra os inimigos dos seus direitos e da sua libertação. Porque o que defende os exploradores e o que ajuda a prolongar este regime presente de miséria, esse é que é o inimigo mortal do proletariado, quer esteja de batina ou de uniforme de polícia. (LUXEMBURGO, 2002, p 17)

No livro "*The Industrial Development of Poland*", publicado em 1898 Luxemburgo discorre sobre a economia e política da Polônia Russa no século XIX. Argumenta que a industrialização da Polônia foi causada por seus laços políticos e econômicos com o Império Russo e que a economia polonesa era altamente dependente do mercado russo. A política econômica da Rússia na Polônia é também discutida no livro, mostrando como a Rússia usou sua política protecionista para favorecer a indústria em sua própria região e como isso afetou a economia polonesa. O livro foi amplamente revisado e discutido em debates socialistas europeus e poloneses da época. Apresenta ainda uma breve história da economia da Polônia russa no século XIX e da política czarista para a região. A obra se concentra na relação entre a industrialização da Polônia e seus laços políticos e econômicos com o Império Russo. Luxemburgo (1899) argumenta que a industrialização foi incentivada pelo governo czarista, atraindo artesãos alemães com subsídios e leis favoráveis ao investimento. A produção e os lucros poloneses aumentaram ainda mais durante a década de 1880, após a Rússia introduzir uma política tarifária protecionista. A

dependência da indústria polonesa do mercado russo é destacada na obra. (DIMAND; DIMAND; FORGET, 2000)

No prólogo de “Acumulação de Capital”, publicado em 1913, Luxemburgo escreve que esse livro surgiu do impulso que foi dado pela “Introdução à economia política”, livro que ela vinha preparando para a mesma editora, mas que só veio a publicar posteriormente.

Escrito entre 1909 e 1910, mas oficialmente publicada em 1925, com o título original em alemão “*Einführung in die Nationalökonomie*” que se fosse traduzido livremente seria introdução a economia nacional, mas se traduz como a economia política.<sup>15</sup>

No capítulo 1 intitulado “o que é a economia política?”, Luxemburgo (1910), em tom irônico, afirma que a maior parte dos estudiosos, doutores e professores de Economia tem uma noção muito vaga sobre o que é a economia política:

A economia é uma ciência estranha. A dificuldade e o conflito de opiniões começam logo no primeiro passo que se dá em seu campo, com a pergunta mais elementar: Qual é o real objeto desta ciência. O trabalhador comum que tem apenas uma vaga ideia do que a economia ensina atribuirá sua imprecisão à sua própria falta de educação geral. Mas desta vez ele compartilha seu infortúnio em certo sentido com muitos doutores eruditos e professores que escrevem trabalhos volumosos sobre economia e dão palestras para jovens estudantes nas universidades. Tão incrível que soa, o fato é que a maioria dos estudiosos da economia tem uma noção muito vaga de qual é o verdadeiro assunto de sua erudição. (Luxemburgo, 1910<sup>16</sup>, p 1, tradução livre da autora)

Para exemplificar como são vagas as noções e explicações sobre economia política, Luxemburgo (1910) traz algumas definições de nomes importantes de sua época que ensinavam e ou escreviam sobre economia para provar o seu ponto. Afirmava em seu primeiro argumento que os estudiosos da área gostavam de definições e faziam isso em poucas frases que bem ordenadas muitas vezes não tinham significado algum ou não se compreendia o significado. Luxemburgo (1910)

---

<sup>15</sup> Ver nota de rodapé na página 36 em Introdução a Economia Política de Rosa Luxemburgo, editora Martins fontes.

<sup>16</sup> *Die Nationalökonomie ist eine merkwürdige Wissenschaft. Die Schwierigkeit und der Streit der Meinungen beginnt schon bei dem ersten Schritt, den man auf ihr Gebiet tut, schon bei der allerelementarsten Frage: Was ist der eigentliche Gegenstand dieser Wissenschaft. Der einfache Arbeiter, der nur eine ganz vage Vorstellung davon hat, was die Nationalökonomie lehrt, wird seine Unklarheit der eigenen mangelhaften allgemeinen Bildung zuschreiben. Doch teilt er sein Mißgeschick diesmal in gewissem Sinne mit vielen gelehrten Doktoren und Professoren, die über die Nationalökonomie dickbändige Werke schreiben und Vorlesungen für die studierende Jugend an den Universitäten halten. So unglaublich es [525] klingt, so ist es doch Tatsache, daß die meisten Fachgelehrten der Nationalökonomie einen sehr verschwommenen Begriff davon haben, was der wirkliche Gegenstand ihrer Gelehrsamkeit ist.* (Luxemburgo, 1910)

retoma o conceito de Wilhelm Roscher, em sua primeira grande obra "Fundamentos da Economia Nacional. Manual e leitor para empresários e estudantes", publicado em 1854, no capítulo 2, parágrafo 16, onde conceitua:

Entendemos que a economia significa a teoria das leis de desenvolvimento da economia nacional, da vida econômica das pessoas (filosofia da história econômica de acordo com von Mangoldt). Como todas as ciências da vida nacional, ela está ligada, por um lado, à consideração da pessoa individual; ela se expande do outro lado para a exploração de toda a humanidade. (Roscher, 1854 apud Luxemburgo, 1910, p.1, tradução livre da autora)

É então que Luxemburgo questiona se empresários e estudantes compreenderam o que é Economia a partir dessas frases. Em suas próprias palavras ironiza "O que são óculos de aro de tartaruga? Óculos com armação de chifre. O que é uma mula de carga? Um burro no qual as cargas são embaladas." (Luxemburgo, 1910, p.1) Ou seja, Roscher explicava que o conceito de economia política era entre outras palavras economia política. Luxemburgo conclui "se você não entendeu o significado das palavras em questão antes, também não entenderá se as palavras são colocadas de uma forma ou de outra."<sup>17</sup>(Luxemburgo, 1910, p. 2) Mais importante do que palavras bem ordenadas são conceitos bem explicados.

Os "empresários e estudantes" agora entendem o que é economia? É apenas - a teoria da economia. O que são óculos de aro de tartaruga? Óculos com armação de chifre. O que é uma mula de carga? Um burro no qual as cargas são embaladas. Um procedimento muito simples, de fato, para ensinar a crianças pequenas o uso de palavras compostas. O ruim disso é que, se você não entendeu o significado das palavras em questão antes, não fica mais esperto sobre se as palavras são colocadas de uma forma ou de outra. (Luxemburgo, 1910, p 2, tradução livre da autora)

Em relação ao conceito do professor Gustav von Schmoller, Luxemburgo (1910) responde que uma pessoa comum ficaria com dor de cabeça ao tentar compreender o que ele escrevia, teria de ler duas ou três vezes e mesmo assim não entenderia, por que segundo a autora, "não passa de frases vazias":

[...]quem pensa com clareza e domina perfeitamente o assunto de que fala, exprime-se claramente e de forma compreensível; quem se expressa de

---

<sup>17</sup> Verstehen nun die "Geschäftsmänner und Studierenden", was die Volkswirtschaftslehre ist? Es ist eben - die Lehre von der Volkswirtschaft. Was ist eine Hornbrille? Eine Brille in Horneinfassung. Was ist ein Packesel? Ein Esel, auf den Lasten gepackt werden. Ein höchst einfaches Verfahren in der Tat, um kleinen Kindern den Gebrauch zusammengesetzter Worte zu erläutern. Das Üble dabei ist nur, daß, wer vorher den Sinn der fraglichen Worte nicht verstand, auch nicht klüger wird, ob die Worte so oder anders gestellt werden.(Luxemburgo, 1909-10, p 2)

maneira obscura e extravagante, quando não se trata de puras ideias filosóficas ou fantasias de misticismo religioso, apenas mostra que não é claro sobre o assunto em si ou tem motivos para evitar a clareza. (Luxemburgo, 1909-10, p 2, tradução livre da autora)

O livro “Introdução a economia política” não tem uma conclusão e não tem uma continuação propriamente divulgada, mas Luxemburgo (1976) deixou claro em seu prólogo de *A Acumulação de Capital* que quando ela se propôs a completar a popularização da teoria econômica de Marx, em linhas gerais, se deparou com uma dificuldade inesperada, disse ela: “Não consegui apresentar com suficiente clareza todo o processo de produção capitalista em suas relações concretas e suas limitações históricas objetivas.” (LUXEMBURGO, 1976,)

Em 1913, Luxemburgo publicou seu livro mais conhecido, *A acumulação de capital*<sup>18</sup>, que ela acreditava ser uma continuação do livro 2 de *O Capital* de Marx. Neste livro, ela questiona o papel da social-democracia e seu conhecimento racional. (AZNAR, 2007)

O livro foi republicado em 1951, com introdução de Joan Robinson. Conforme Polkinghorn, (apud AZNAR, 2007)<sup>19</sup>, somente outra mulher poderia reconhecer a importância de Rosa Luxemburgo.

Teria que ser outra mulher, Joan Robinson, que publicou o livro mais conhecido de Rosa Luxemburgo, *The Accumulation of Capital*, em 1951, que reconheceu em uma introdução de 15 páginas que Rosa quase pela primeira vez explorou tópicos tão importantes em economia como incentivo ao investimento e que criou uma teoria do desenvolvimento dinâmico do capitalismo, dando especial importância ao crescimento da demanda efetiva, como anteciparia os modelos de crescimento do século XX. (Polkinghorn et al, 1999, apud AZNAR, 2007, tradução livre da autora).

Polkinghorn (apud AZNAR, 2007) sugere que tantos economistas homens não perceberam o ineditismo de Rosa Luxemburgo, cabendo à Joan Robinson, a percepção de que Luxemburgo antecipou como se dariam os modelos de crescimento do século XX.

---

<sup>18</sup> Título original em alemão: *Die Akkumulation des Kapitals*

<sup>19</sup> *Tendría que ser otra mujer, Joan Robinson, que publicó el libro más conocido de Rosa Luxemburgo, La acumulación del capital, en 1951 la que reconociera en una introducción de 15 páginas que Rosa había explorado casi por vez primera temas tan importantes en la economía como el incentivo a la inversión y que había creado una teoría del desarrollo dinámico del capitalismo, dando especial importancia al crecimiento de la demanda efectiva, con lo que anticiparía los modelos de crecimiento del siglo XX (Polkinghorn et al, 1999, in AZNAR, 2007).*

Luxemburgo argumentava, a época, que a exploração dos trabalhadores é necessária<sup>20</sup> para a acumulação de capital e o crescimento econômico no sistema capitalista. Nesta linha, como o capitalismo depende da constante expansão da produção e de um mercado em expansão contínua para os bens produzidos, ele precisa encontrar fontes externas de mão-de-obra e matérias-primas para alimentar o crescimento econômico. (AZNAR, 2007)

Isso só é possível se houver um estrato de compradores fora da sociedade capitalista, algo que se consegue através do imperialismo e da exploração de países não capitalistas. Luxemburgo acreditava que o capitalismo sobrevive graças ao seu impacto nas economias primitivas, através do imperialismo ou ao controle econômico dos países mais ricos sobre os países mais pobres, e que isso oferece mercados para os bens excedentes produzidos em países desenvolvidos. (AZNAR, 2007). Para Aznar (2007), Luxemburgo argumentava que esse processo é instável e não pode continuar indefinidamente, o que eventualmente resultará em crises econômicas. O adiamento das crises econômicas não duraria para sempre, e que o capitalismo precisa de outros sistemas econômicos para sobreviver.

Luxemburgo também critica a ideia de que o capitalismo pode ser reformado para ser mais justo, argumentando que é uma formação social essencialmente destrutiva e opressiva. (AZNAR, 2007).

Uma ideia importante do livro é que "O capital não pode existir e não pode acumular-se fora do contexto de uma sociedade explodindo de exploração e opressão" (AZNAR, 2007, p 245). Essa proposta resume a ideia central de que a acumulação de capital no sistema capitalista depende da exploração dos trabalhadores e da opressão de outras nações e classes sociais. Além disso, sugere que o capitalismo é uma formação social profundamente injusta e opressiva, que precisa ser superada. (AZNAR, 2007).

#### **4.1.3 Contribuições para a economia**

Além de criticar algumas das ideias de Karl Marx, Rosa Luxemburgo também criticou outros economistas importantes, incluindo Adam Smith. Ela argumentou que

---

<sup>20</sup> Necessária para o capitalismo na opinião de Rosa, que sendo uma absoluta defensora da classe operária, não concebia o capitalismo como justo para o trabalhador.



a teoria do comércio livre de Smith, que defendia que o livre comércio ajudaria a melhorar a economia de um país, não levava em conta as desigualdades e as consequências negativas do capitalismo para as classes trabalhadoras e para as nações em desenvolvimento. Para Aznar (2007), de acordo com Luxemburgo o comércio livre ajudava a perpetuar a exploração dos trabalhadores e das nações coloniais, em vez de melhorar suas condições de vida. Em vez disso, ela defendia a ideia de que a classe trabalhadora deveria ter controle sobre as condições de comércio e produção, e que a economia devia ser planejada e regulamentada para garantir a justiça e a igualdade para todos. Essas críticas ajudaram a desenvolver a teoria econômica da esquerda e a influenciar o pensamento e a atividade política em todo o mundo.

Diferente de outras autoras -Jane Marcet, Harriet Martineau e Millicent Fawcett, que tinham uma abordagem baseada no individualismo metodológico, Luxemburgo compreendia a economia como uma questão coletiva. (AZNAR, 2007)

Aos autores ortodoxos, Luxemburgo legou uma teoria do desenvolvimento dinâmico do capitalismo e apontou a questão da adequação da demanda efetiva. Já para autores não-marxistas, forneceu uma explicação para o *boom* secular e apontou a importância da estagnação da demanda secular. Ela tinha uma visão precursora da questão do incentivo ao investimento, mas não foi tão longe a ponto de apontar a necessidade de conciliar investimento e poupança, algo que Keynes faria na Teoria Geral. (AZNAR, 2007)

Duas ideias fundamentais deixadas para seus seguidores Marxistas, conforme Aznar (2007), são:

1. Ela mostrou o erro de Marx em seu modelo de acumulação de capital. As conclusões de Marx dependiam de fazer suposições especiais em seus exemplos aritméticos, e não havia razão para pensar que elas seriam válidas nas atuais circunstâncias.
2. Ela descobriu a relação entre expansão colonial e capitalismo, e que o imperialismo pode sustentar o capitalismo à custa da desintegração das nações pré-capitalistas. (Aznar, 2007, p. 253)<sup>21</sup>

---

<sup>21</sup> 1. Mostró el error de Marx em su modelo de acumulación de capital. Las conclusiones de Marx dependían de hacer unos supuestos especiales en sus ejemplos aritméticos, y no había razón para pensar que seguirían em las actuales circunstancias.

2. Descubrió la relación entre la expansión colonial y el capitalismo, y que el imperialismo puede sostener el capitalismo a costa de la desintegración de las naciones precapitalistas. (Aznar, 2007, p. 253)

Para além das ideias socialistas, Rosa Luxemburgo deixa um legado de quem compreendeu as relações de força no mundo, conforme citado por Aznar (2007):

1. Forneceu uma excelente explicação do *boom* secular do século passado atribuído à expansão do capitalismo em todo o mundo.
2. Destacou a questão do crescimento efetivo da demanda e antecipou os modelos de crescimento do século XX.
3. Apontou também a questão da adequação da demanda efetiva, algo que, sem dúvida, já havia sido analisado no pensamento econômico, desde o próprio Malthus. No entanto, Rosa deu especial importância a uma questão que mais tarde seria central para a economia ortodoxa, como a falta de incentivos ao investimento. A estagnação ou ausência de demanda secular recebeu muita atenção dos economistas do século 20, e Rosa destacou que a estagnação levaria ao colapso econômico. No entanto, ela não chegou a apontar a necessidade de igualar investimento e poupança, algo que Keynes faria na Teoria Geral. (AZNAR, 2007, p. 254)<sup>22</sup>:

Rosa Luxemburgo acreditava que a única maneira de superar o capitalismo era através de uma revolução socialista. Ela argumentava que as reformas políticas e econômicas no interior do sistema capitalista não eram suficientes para resolver as contradições intrínsecas do capitalismo e levar a uma sociedade mais justa e igualitária. Em vez disso, Luxemburgo defendia que a classe trabalhadora precisava tomar o poder político e social e construir uma sociedade socialista baseada na democracia e na propriedade coletiva dos meios de produção. Ela acreditava que somente através da construção de uma sociedade socialista é que seria possível superar a exploração dos trabalhadores e a opressão de outras classes sociais e nações. (AZNAR, 2007)

Aznar (2007) enfatiza que Luxemburgo tornou-se uma economista conhecida fora do âmbito acadêmico, apesar de seu gênero ter atenuado a disseminação de suas ideias. Explorou questões importantes na economia, como incentivo ao investimento, e criou uma teoria do desenvolvimento dinâmico do capitalismo, enfatizando o crescimento da demanda efetiva. Foi estudada por historiadores do

---

<sup>22</sup> 1. Proveyó una explicación excelente del boom secular del último siglo atribuido a la Expansión del capitalismo en todo el mundo.

2. Señaló el tema del crecimiento efectivo de la demanda y anticipó los modelos de crecimiento del siglo XX.

3. También señaló el tema de la adecuación de la demanda efectiva, algo que, sin duda, ya había sido analizado em el pensamiento económico, desde el mismo Malthus. Sin embargo, Rosa dio especial importancia a un tema que luego sería cêntrico em la economía ortodoxa, como es el del defecto de incentivo a la inversión. El estancamiento o ausencia de la demanda secular ha recibido mucha atención por los economistas del siglo XX, y Rosa señaló que ese estancamiento lleva al colapso económico. Sin embargo, no llegó a señalar la necesidad de que se igualen la inversión y el ahorro, algo que haría Keynes em la Teoría general. (AZNAR, 2007, p. 254)

socialismo e por antimilitaristas, e é considerada um emblema por movimentos dos anos 60 e 70. Suas ideias foram contestadas pela social-democracia, comunismo e bolchevismo, e foram condenadas como heresia pela Terceira Internacional em 1925.

Segundo Aznar (2007), Luxemburgo é considerada uma das primeiras economistas feministas e uma das poucas mulheres economistas de sua época. Abordou questões de gênero em sua obra e lutou por direitos das mulheres e igualdade de gênero. Sua vida e obra continuam a ser estudadas e celebradas por aqueles interessados em economia, política e feminismo. Sua morte prematura aos 47 anos não impediu que suas ideias se propagassem. Durante sua vida, ela foi uma defensora ativa da luta pela igualdade social e pelo socialismo, e tornou-se uma das líderes mais importantes da Esquerda Socialista Alemã.

Foi uma mulher excepcionalmente talentosa e corajosa em uma época em que as mulheres enfrentavam muitas barreiras e desigualdades. Não apenas se destacou como economista e teórica política, mas também como ativista política e participante ativa na luta pela liberdade e justiça social. Sua obra teórica e sua atividade política ajudaram a influenciar muitos movimentos de esquerda e socialistas ao redor do mundo e continuam a ser estudados e debatidos até hoje.

Apesar da intensa produção, Rosa Luxemburgo não foi citada na bibliografia recomendada pelas instituições analisadas no capítulo 2 deste trabalho. Possui livros traduzidos para o português, estudou temas universais, discutiu direitos dos trabalhadores, e, no entanto, passa ao largo das discussões, ao menos nas instituições pesquisadas. Seja em publicações pró ou contra o capitalismo, ignorar a relevância de seu trabalho e sua ousadia de se posicionar na Alemanha pré-guerra, é uma perda para o estudante de Economia.

## 5 CONCLUSÃO

Por conta dos livros ofertados e por conseguinte das discussões produzidas, muitos alunos podem passar anos da graduação sem tomar conhecimento da existência da maioria das economistas mulheres e de suas produções ou só vir a conhecê-las ao final do curso.

É necessário pensar e questionar o motivo de não estudarmos mulheres dentro da disciplina de HPE, e de não divulgar os estudos de algumas dessas mulheres, em especial Rosa Luxemburgo.

A amostra das universidades analisadas poderia ser mais bem estudada com a análise a partir de um conjunto maior de cursos. O estudo dos currículos pode ser feito além da disciplina de HPE e a revisão dos livros pode ser realizada em outros livros recomendados pelas instituições. A pesquisa foi realizada na disciplina de história do pensamento econômico, mas poderia também abranger outras disciplinas que estudam essas teóricas como as disciplinas de economia política e verificar se as pensadoras mulheres são lidas nessas disciplinas.

O estudo das pensadoras e economistas também pode ser estimulado, inclusive ampliando o leque de traduções dos originais das pensadoras e de publicações em língua estrangeira. A falta de traduções e edições em português de diversas obras de mulheres nos distancia do conhecimento da existência delas. E isso nos abre margem para novas pesquisas. Quantas dessas autoras não tem dezenas de obras escritas e publicadas, textos e discursos relevantes para o estudo da Economia e das mulheres que não foram traduzidos e ou divulgados?

Mesmo autoras com obras traduzidas como é o caso de Luxemburgo, pode não ser leitura recomendada, ao menos foi o que se observou na amostra analisada neste trabalho.

Há muito o que se estudar e fazer pela Ciência Econômica, da crítica a metodologia ao objeto de estudo. É um caminho muito longo e de muito atraso. Enquanto lá no início do século XIX as mulheres brancas, ricas e europeias estavam discutindo os seus direitos de trabalho, estudo, igualdade e estavam produzindo textos relevantes sobre economia política, esse debate parece não avançar na Ciência Econômica no Brasil. Se já é difícil falar da questão das mulheres brancas e ricas dentro da Economia no Brasil, quicá pensar a questão das mulheres negras, indígenas e pobres.

Busquei responder a seguinte questão: existe falta de representação de mulheres na disciplina de história do pensamento econômico? a conclusão é que existe sim uma falta de representação de mulheres na HPE. Não se estudam pensadoras da mesma forma como se estudam pensadores. A segunda questão era se um trabalho de uma economista mulher pode contribuir para uma perspectiva mais inclusiva e diversificada no campo da economia, ainda que não seja necessariamente feminista. E para isso temos inúmeros exemplos de economistas feministas ou não que contribuíram para o pensamento econômico em discussões de igualdade salarial, direitos trabalhistas de mulheres, discussões sobre papéis da mulher etc.

Ao explorar um tema com pouca divulgação em português, a tradução se torna um obstáculo que dificulta o estudo. A escassez de livros e informações disponíveis, além das dificuldades na tradução, representaram desafios significativos durante a pesquisa. Além disso, a dificuldade de acessar ementas completas dos cursos de graduação também merece destaque como uma limitação encontrada. Mas fortalece o argumento que há um universo pouco explorado dentro da Economia: a contribuição de pensadoras para essa ciência.

Para os futuros pesquisadores que se interessam pela HPE, as contribuições de pensadoras latino-americanas são temas que podem ser explorados, bem como a tradução e interpretação de textos em outras línguas. Aos futuros colegas eu os encorajo a estudar e pesquisar mulheres. A sempre ler os textos originais, na medida que o conhecimento em línguas permitir. Reforço a necessidade de investigação na área de HPE. Espero que este trabalho possa servir como ponto de partida para novas pesquisas e contribuir para a divulgação de mulheres dentro da Ciência Econômica.

## REFERÊNCIAS

AZNAR, Estrella Trincado. **Rosa Luxemburgo y el pensamiento marxista**, apud BLAS, Luis Perdices de; ABAROA, Elena Gallego (coord.). *Mujeres Economistas: Las aportaciones de las mujeres a la ciência económica y su divulgación durante los siglos XIX y XX*. Madrid: Ecobook, 2007.

BADIA, Gilbert. **Clara Zetkin - Vida e obra**. São Paulo: Expressão Popular, 2003.

BLAUG, Mark. **Economic Theory in Retrospect**. Universiteit van Amsterdam: Cambridge University Press, 1997.

BRUE, Stanley L.; GRANT, Randy. G. **The Evolution of Economic Thought**. 8. ed. Boston: Cengage Learning, 2012.

CALDWELL, Bruce. **Beyond Positivism: Economic Methodology in the Twentieth Century**. Londres: Allen unwin, 1982.

CALDWELL, Bruce. **The case for pluralism**. In: de MARCHI, Neil. *The popperian legacy in Economics: Papers presented at a Symposium in Amsterdam*. London: Cambridge University Press, 1988.

CALDWELL, Bruce. **Of Positivism and the History of Economic Thought**. Durham: CHOPE Working Paper, 2012. Disponível em: <http://dukespace.lib.duke.edu/dspace/bitstream/handle/10161/13175/SSRNid2198547.pdf?sequence=1>. Acesso em: 10 dez. 2021.

CANAL CURTA!. **QUEM FOI ROSA LUXEMBURGO?**. YouTube, 02 de mai. 2019. Disponível em: <https://youtu.be/QD3c8ldjxX8>. Acesso em: 08 dez. 2021.

DIMAND, Robert W.; DIMAND, Mary Ann; FORGET, Evelyn L. **A biographical dictionary of women economists**. Massachusetts: Edward Elgar Publishing, 2000.

EBEF/FGV. **Programa do curso de Ciências Econômicas da EBEF/FGV**. Disponível em: <https://epge.fgv.br/pt/graduacao/grade>. Acesso em: 24 abr. 2023.

ENADE. **Indicadores de Qualidade da Educação Superior**. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/indicadores-de-qualidade-da-educacao-superior>. Acesso em: 24 abr. 2023.

EESP/FGV. **Programa do curso de Ciências econômicas da EESP/FGV**. Disponível em: <https://eesp.fgv.br/cursos/graduacao/graduacao-em-economia>. Acesso em: 24 abr. 2023.

FAWCETT, Millicent Garrett. **Political Economy for Beginners**. 10. ed. Londres: The Macmillan and Company, 1911.

FERBER, Marianne; NELSON, Julie. **Beyond Economic Man: Feminist Theory and Economics**. Chicago: The University Press, 1993.

FORGET, Evelyn L. Harriet Martineau. In: DIMAND, Robert W.; DIMAND, Mary Ann; FORGET, Evelyn L. **A Biographical Dictionary of Women Economists**. Northampton: Edward Elgar Publishing, 2000. p. 294-297.

HUNT, E. K.; LAUTZENHEISER, Mark. **History of Economic Thought: A critical perspective**. 3. ed. Oxfordshire: Routledge, 2011.

IBMEC. **Programa do curso de Ciências econômicas da IBMEC**. Disponível em: <https://www.ibmec.br/graduacao/ciencias-economicas>. Acesso em: 24 abr. 2023.

LUXEMBURGO, Rosa. **O Socialismo e as Igrejas**. Biblioteca Universitária / UFSC, 1905. Disponível em: <https://pergamum.ufsc.br/acervo/359382/>. Acesso em: 24 abr. 2023.

LUXEMBURGO, Rosa. **O Socialismo e as Igrejas**. Polonia: Wydawnictwa Socjaldemokracji Królestwa Polskiego e Litwa, 1905. Portal de Periódicos / UEM. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/download/46202/751375139030/>. Acesso em: 24 abr. 2023.

LUXEMBURG, Rosa. **Kirche und Sozialismus**, 1905. Disponível em: <https://www.marxists.org/deutsch/archiv/luxemburg/1905/xx/kirche.htm>. Acesso em: 24 abr. 2023.

LUXEMBURG, Rosa; ZETKIN, Clara. **Su Hogar es el Mundo Entero: Escritos y Discursos de Rosa Luxemburg y Clara Zetkin Sobre la Lucha Femenina y Otras Cuestiones Sociales**. Compilador: Óscar de Pablo. 2019. Disponível em: <https://www.marxists.org/deutsch/archiv/luxemburg/1905/xx/kirche.htm>. Acesso em: 24 abr. 2023.

LUXEMBURG, Rosa. **Women's suffrage and class struggle**. In: HOWARD, Dick. *Selected Political Writings of Rosa Luxemburgo*. Londres: Monthly Review Press, 1971.

LUXEMBURG, Rosa. **Gesammelte Werke**. Berlin: Institut für Marxismus-Leninismus beim ZK der SED, 1975. 524-530 p. v. 5.

LUXEMBURGO, Rosa. **Introdução à economia política / Rosa Luxemburgo; prefácio de Ernest Mandel: prefácio de Ernest Mandel**, [197-?].

LUXEMBURGO, Rosa. **Einführung in die Nationalökonomie**, 1909-1910. Disponível em: [http://www.mlwerke.de/lu/lu05/lu05\\_en.htm](http://www.mlwerke.de/lu/lu05/lu05_en.htm). Acesso em: 24 abr. 2023.

LUXEMBURGO, Rosa. Herausgegeben vom Institut für Marxismus-Leninismus beim ZK der SED. Band 5. Berlin/DDR. 1975. "Einführung in die Nationalökonomie", S. 524-530 1. Korrektur. **Gesammelte Werke**, 1975. Disponível em: [http://www.mlwerke.de/lu/lu05/lu05\\_524.htm](http://www.mlwerke.de/lu/lu05/lu05_524.htm). Acesso em: 24 abr. 2023.

MARXISMO FEMINISTA. **Rosa Luxemburgo e o feminismo**. YouTube, 28 de ago. 2020. Disponível em: <https://youtu.be/nCp8kPu4gSU>. Acesso em: 14 dez. 2021.

MARTINEAU, Harriet. **Illustrations of Political Economy: Life in the Wilds, a Tale.** Londres: Paternoster-Row, 1832.

MADDEN, K.; DIMAND, R. W. **The Routledge Handbook of the History of Women's Economic Thought.** Londres/Nova York: Routledge, 2019.

MEC. **Portaria Normativa MEC nº 840, de 24 de agosto de 2018,** 2018. Disponível em:  
[https://download.inep.gov.br/educacao\\_superior/avaliacao\\_institucional/legislacao\\_normas/2018/portaria\\_normativa\\_GM-MEC\\_n840\\_de\\_24082018.pdf](https://download.inep.gov.br/educacao_superior/avaliacao_institucional/legislacao_normas/2018/portaria_normativa_GM-MEC_n840_de_24082018.pdf). Acesso em: 24 abr. 2023.

PERROT, Michelle. **As Mulheres ou os Silêncios da História:** Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: Edusc, 2005.

PUC-RIO. **Grade de horários 2022.** Departamento de Economia da PUC-RIO. Disponível em: <https://www.econ.puc-rio.br/uploads/adm/noticias/a1cdeeea9f13353f24639f1e60f69d6b3f200075.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2023.

PUC-RIO. **Programa do curso de Ciências econômicas da PUC-RIO.** Disponível em: <https://www.puc-rio.br/ensinopesq/ccg/economia.html>. Acesso em: 24 abr. 2023.

P. C. M. "Clara Elizabeth Collet." **Journal of the Royal Statistical Society.** Series A (General), vol. 111, no. 3, 1948, pp. 252–54. JSTOR, <http://www.jstor.org/stable/2984173>. Accessed 18 June 2023.

ROBEYNS, Ingrid. **Is There a Feminist Economic Methodology:** In: Paola Di Cori & Donatella Barazetti, *Gli Studi della Donne in Italia. Una Guida Critica.* 3. ed. Roma: Carocci, 2001.

RUBIO, Teresa Freire; CUBERO, Ana Isabel Rosado. **Edith Penrose: Una Nueva Visión de la Empresa:** In: ABAROA, Elena Gallego; BLAS, Luis Perdices (comp.). *Mujeres economistas. Las aportaciones de las mujeres a la ciencia económica y a su divulgación durante los siglos XIX y XX.* Madrid: Ecobook, 2007. 435-461 p.

SANCHEZ-CASCADO, Paloma. **La Escuela Austríaca Representada en la Obra de Vera Smith:** In: ABAROA, Elena Gallego; BLAS, Luis Perdices (comp.). *Mujeres economistas. Las aportaciones de las mujeres a la ciencia económica y a su divulgación durante los siglos XIX y XX.* Madrid: Ecobook, 2007. 411-433 p.

SANTOS, Magda Guadalupe. **Os Feminismos e Suas Ondas.** 219. ed. São Paulo: Cult, 2016. 32-35 p.

SCHNEIDER, Geoff; SHACKELFORD, Jean. **Economics Standards and Lists: Proposed Antidotes for Feminist Economists.** 2. ed. Londres: Feminist Economics, 2001. v. 7. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/toc/rfec20/current>. Acesso em: 17 out. 2021.

SEIZ, Janet. **Feminism and the History of Economic Thought.** Durham: Duke University Press, 1993.



STROBER, H. **Rethinking Economics Through a Feminist Lens**. 2. ed. Pittsburgh: The American Economics Review, 1994. 143-147 p. v. 84.

UDESC. **Programa do curso de Ciências econômicas da UDESC**. Disponível em: <https://www.udesc.br/esag/cienciaseconomicas/planosdeensino>. Acesso em: 24 abr. 2023.

UFMG. **Programa do curso de Ciências econômicas da UFMG**. Disponível em: <https://docs.face.ufmg.br/public/programas-economia>. Acesso em: 24 abr. 2023.

UFRJ. **Grade horária do curso de graduação em Ciências Econômicas - Graduação IE-UFRJ**. Disponível em: <https://www.ie.ufrj.br/graduacao-grade-horaria.html>. Acesso em 30 jun. 2023.

UFRJ. **Programa do curso de Ciências econômicas da UFRJ**. Disponível em: <https://www.ie.ufrj.br/graduacao-curriculo.html>. Acesso em: 24 abr. 2023.

UFV. **Programa do curso de Ciências econômicas da UFV**. Disponível em: <https://cec.ufv.br/>. Acesso em: 24 abr. 2023.

UnB. **Lista de oferta das disciplinas**. Departamento de Economia da UnB. Disponível em: <http://economia.unb.br/index.php/graduacao/lista-de-oferta>. Acesso em 30 jun. 2023.

UNB. **Programa do curso de Ciências econômicas da UNB**. Disponível em: [http://economia.unb.br/images/Artigos/Graduacao/Fomularios/EMENTARIO\\_Economia.pdf](http://economia.unb.br/images/Artigos/Graduacao/Fomularios/EMENTARIO_Economia.pdf). Acesso em: 24 abr. 2023

UNICAMP. **Horários das aulas da Graduação**. Instituto de Economia. Disponível em: <https://www.economia.unicamp.br/proposta-de-horario>. Acesso em 30 jun. 2023.

UNICAMP. **Programa do curso de Ciências econômicas da UNICAMP**. Disponível em: <https://www.eco.unicamp.br/disciplinas>. Acesso em: 24 abr. 2023.

**ANEXO A – Cursos de Ciências Econômicas Avaliados no ENADE 2018**

Ano	Sigla da IES	Categoria Administrativa	Sigla da UF	Nº de Concluintes Inscritos	Nº de Concluintes Participantes	Conceito Enade (Faixa)
2018	UFMT	Pública Federal	MT	29	23	3
2018	UNB	Pública Federal	DF	113	92	5
2018	UFAM	Pública Federal	AM	69	54	2
2018	UFPI	Pública Federal	PI	75	55	3
2018	UFPI	Pública Federal	PI	34	31	2
2018	UFV	Pública Federal	MG	32	30	4
2018	UEL	Pública Estadual	PR	61	53	3
2018	UNICAP	Privada sem fins lucrativos	PE	20	17	3
2018	FURG	Pública Federal	RS	34	31	2
2018	UCS	Privada sem fins lucrativos	RS	62	50	2
2018	UNISINOS	Privada sem fins lucrativos	RS	40	32	3
2018	UCP	Privada sem fins lucrativos	RJ	19	16	3
2018	UFU	Pública Federal	MG	81	69	4
2018	PUC-CAMPINAS	Privada sem fins lucrativos	SP	217	143	3
2018	UPF	Privada sem fins lucrativos	RS	26	24	3
2018	PUCRS	Privada sem fins lucrativos	RS	71	61	3
2018	MACKENZIE	Privada sem fins lucrativos	SP	149	136	3
2018	UESC	Pública Estadual	BA	60	58	3
2018	UEG	Pública Estadual	GO	28	27	2
2018	UNICAMP	Pública Estadual	SP	95	85	4
2018	UNESP	Pública Estadual	SP	203	181	3
2018	UEM	Pública Estadual	PR	65	55	2
2018	UNI-FACEF	Especial	SP	20	16	1
2018	UERN	Pública Estadual	RN	53	45	1
2018	FURB	Pública Municipal	SC	20	18	3
2018	UNIVILLE	Privada sem fins lucrativos	SC	27	21	1
2018	UNOCHAPECÓ	Privada sem fins lucrativos	SC	9	7	2
2018	UFSJ	Pública Federal	MG	79	71	3
2018		Privada sem fins lucrativos	SP	25	10	2
2018	UNIARA	Privada sem fins lucrativos	SP	33	25	2
2018	UNISO	Privada sem fins lucrativos	SP	15	11	2
2018	UCAM	Privada sem fins lucrativos	RJ	12	11	2
2018		Privada sem fins lucrativos	RJ	32	30	3
2018	FESPPR	Privada sem fins lucrativos	PR	1	1 SC	
2018	USJT	Privada com fins lucrativos	SP	84	76	3
2018	CUML	Privada sem fins lucrativos	SP	15	15	2
2018	CUFSA	Privada sem fins lucrativos	SP	65	43	2
2018	FECAP	Privada sem fins lucrativos	SP	70	63	4
2018	UNISANTOS	Privada sem fins lucrativos	SP	16	15	3
2018	FOC	Privada com fins lucrativos	SP	1	1 SC	
2018	UNIMEP	Privada sem fins lucrativos	SP	16	15	3
2018	UNISC	Privada sem fins lucrativos	RS	20	19	3
2018	PUC MINAS	Privada sem fins lucrativos	MG	89	82	3
2018	UNA	Privada com fins lucrativos	MG	41	39	3
2018	UNIMONTES	Pública Estadual	MG	41	38	2
2018	FMU	Privada sem fins lucrativos	SP	53	41	3
2018	UNIANCHIETA	Privada com fins lucrativos	SP	13	10	2
2018	UCB	Privada sem fins lucrativos	DF	6	5	3
2018	UPIS	Privada sem fins lucrativos	DF	22	15	2

Ano	Sigla da IES	Categoria Administrativa	Sigla da UF	Nº de Concluintes Inscritos	Nº de Concluintes Participantes	Conceito Enade (Faixa)
2018	FCHE	Privada sem fins lucrativos	PE	15	7	1
2018	UNESPAR	Pública Estadual	PR	77	52	1
2018	ULBRA	Privada sem fins lucrativos	RS	9	6	2
2018	UNISANT'ANNA	Privada sem fins lucrativos	SP	5	4	2
2018	FA-FAAP	Privada sem fins lucrativos	SP	20	18	3
2018	FCEACDB	Privada sem fins lucrativos	RJ	28	24	2
2018	FACESM	Privada sem fins lucrativos	MG	16	15	1
2018	PUC GOIÁS	Privada sem fins lucrativos	GO	92	67	2
2018	PUC-RIO	Privada sem fins lucrativos	RJ	83	79	5
2018	UNICENTRO	Pública Estadual	PR	25	19	2
2018	PUCSP	Privada sem fins lucrativos	SP	365	286	2
2018	UERJ	Pública Estadual	RJ	104	70	4
2018	UFMA	Pública Federal	MA	76	70	3
2018	UFAC	Pública Federal	AC	31	24	2
2018	UNIFOR	Privada sem fins lucrativos	CE	37	26	3
2018	UFPA	Pública Federal	PA	74	59	2
2018	UFRN	Pública Federal	RN	49	39	2
2018	UFPR	Pública Federal	PR	38	37	3
2018	UFF	Pública Federal	RJ	229	191	3
2018	UFES	Pública Federal	ES	62	56	3
2018	UFRRJ	Pública Federal	RJ	116	110	3
2018	UFMG	Pública Federal	MG	77	72	5
2018	UFJF	Pública Federal	MG	97	88	3
2018	UFAL	Pública Federal	AL	66	58	3
2018	UFBA	Pública Federal	BA	90	77	3
2018	UFPB	Pública Federal	PB	83	69	3
2018	UFCG	Pública Federal	PB	29	25	3
2018	UFPE	Pública Federal	PE	165	130	4
2018	UFRGS	Pública Federal	RS	168	147	4
2018	UFSM	Pública Federal	RS	22	22	3
2018	UFC	Pública Federal	CE	72	62	3
2018	UFSC	Pública Federal	SC	146	115	3
2018	UFRJ	Pública Federal	RJ	179	172	5
2018	UFRPE	Pública Federal	PE	57	50	3
2018	USCS	Pública Municipal	SP	37	34	2
2018	UNIOESTE	Pública Estadual	PR	41	41	2
2018	UNIOESTE	Pública Estadual	PR	37	30	2
2018	UNIOESTE	Pública Estadual	PR	43	43	2
2018	UNITAU	Pública Municipal	SP	12	10	2
2018	UEFS	Pública Estadual	BA	89	65	2
2018	CIESA	Privada com fins lucrativos	AM	15	13	2
2018	UFMS	Pública Federal	MS	32	32	3
2018	UENP	Pública Estadual	PR	32	28	1
2018		Privada sem fins lucrativos	PR	36	31	3
2018	UEPG	Pública Estadual	PR	51	40	3
2018	URCA	Pública Estadual	CE	193	152	2
2018	UFRR	Pública Federal	RR	29	26	2
2018	FGS	Privada sem fins lucrativos	RJ	10	3	3
2018	FARESC	Privada sem fins lucrativos	PR	1	0	SC

Ano	Sigla da IES	Categoria Administrativa	Sigla da UF	Nº de Concluintes Inscritos	Nº de Concluintes Participantes	Conceito Enade (Faixa)
2018		Privada com fins lucrativos	RJ	80	75	3
2018	UERN	Pública Estadual	RN	36	35	1
2018	UERN	Pública Estadual	RN	42	39	1
2018	UFT	Pública Federal	TO	20	16	2
2018	INSPER	Privada sem fins lucrativos	SP	168	153	4
2018	UNINILTONLINS	Privada sem fins lucrativos	AM	27	26	1
2018	UNESA	Privada com fins lucrativos	RJ	45	35	3
2018	UNICAMP	Pública Estadual	SP	45	37	4
2018	UNIP	Privada com fins lucrativos	SP	21	15	4
2018	UniFBV Wyden	Privada com fins lucrativos	PE	11	11	3
2018	UNIFACS	Privada com fins lucrativos	BA	28	22	4
2018	UESB	Pública Estadual	BA	34	32	2
2018	UNESC	Privada sem fins lucrativos	SC	31	27	2
2018	UP	Privada com fins lucrativos	PR	34	23	2
2018	UNINORTE	Privada sem fins lucrativos	AM	42	40	2
2018	FACAMP	Privada com fins lucrativos	SP	92	79	3
2018	UFS	Pública Federal	SE	78	67	3
2018	FAI	Especial	SP	15	7	1
2018	IBMEC	Privada com fins lucrativos	MG	84	73	4
2018	UEG	Pública Estadual	GO	37	32	1
2018	UFC	Pública Federal	CE	59	45	3
2018	UMESP	Privada sem fins lucrativos	SP	19	11	3
2018	UNIJUI	Privada sem fins lucrativos	RS	13	12	3
2018	UFSM	Pública Federal	RS	24	20	2
2018	ALFA	Privada com fins lucrativos	GO	2	2	2
2018	Facimp Wyden	Privada com fins lucrativos	MA	28	25	1
2018	EBEF	Privada sem fins lucrativos	RJ	39	38	5
2018	UFPR	Pública Federal	PR	76	60	3
2018	PUCPR	Privada sem fins lucrativos	PR	32	19	3
2018	UNEMAT	Pública Estadual	MT	21	21	2
2018	FEST	Privada com fins lucrativos	MA	17	16	1
2018	IIES	Privada com fins lucrativos	SP	17	15	1
2018	UNIFRA	Privada sem fins lucrativos	RS	4	4	5
2018	UNESPAR	Pública Estadual	PR	27	8	3
2018	EESP	Privada sem fins lucrativos	SP	39	37	4
2018	UNINOVE	Privada sem fins lucrativos	SP	62	60	2
2018	UNIDAVI	Privada sem fins lucrativos	SC	26	24	2
2018	UEMS	Pública Estadual	MS	12	9	2
2018	UNICSUL	Privada com fins lucrativos	SP	23	21	3
2018	UNIP	Privada com fins lucrativos	SP	16	13	2
2018	UFG	Pública Federal	GO	18	12	4
2018	FAHOR	Privada sem fins lucrativos	RS	12	11	2
2018	UNEC	Privada sem fins lucrativos	MG	4	4	2
2018	FACAPE	Especial	PE	46	23	1
2018	UFRRJ	Pública Federal	RJ	100	92	2
2018	UFC	Pública Federal	CE	24	17	2
2018	FCV	Privada com fins lucrativos	PR	11	11	2
2018	UFVJM	Pública Federal	MG	54	51	2
2018	UFPE	Pública Federal	PE	123	116	3

Ano	Sigla da IES	Categoria Administrativa	Sigla da UF	Nº de Concluintes Inscritos	Nº de Concluintes Participantes	Conceito Enade (Faixa)
2018	UFRPE	Pública Federal	PE	44	43	2
2018	PUCSP	Privada sem fins lucrativos	SP	17	11	2
2018	FUCAPE	Privada sem fins lucrativos	ES	17	14	5
2018	FEAD - MG	Privada sem fins lucrativos	MG	10	4	3
2018	FADERGS	Privada com fins lucrativos	RS	8	7	2
2018	UFSCAR	Pública Federal	SP	93	83	3
2018	UDESC	Pública Estadual	SC	39	37	4
2018	UFSC	Pública Federal	SC	35	21	2
2018	UNIP	Privada com fins lucrativos	SP	16	15	3
2018	ESAMC	Privada com fins lucrativos	SP	31	31	3
2018	ESAMC	Privada com fins lucrativos	SP	20	18	2
2018	ESAMC	Privada com fins lucrativos	SP	16	13	3
2018	UFOP	Pública Federal	MG	66	58	3
2018	FMU	Privada sem fins lucrativos	SP	100	61	3
2018	UFMT	Pública Federal	MT	31	23	2
2018	UFABC	Pública Federal	SP	212	137	4
2018	UFF	Pública Federal	RJ	115	108	2
2018	UFRRJ	Pública Federal	RJ	33	23	3
2018	UNIPAMPA	Pública Federal	RS	17	17	2
2018		Privada sem fins lucrativos	SP	28	20	3
2018	UFSM	Pública Federal	RS	41	39	1
2018	UFPEL	Pública Federal	RS	23	21	3
2018	UNIFESP	Pública Federal	SP	102	81	4
2018	UNISUL	Privada sem fins lucrativos	SC	52	30	3
2018		Privada com fins lucrativos	RJ	44	42	4
2018	UEG	Pública Estadual	GO	18	13	1
2018	UFAL	Pública Federal	AL	61	51	2
2018	UEM	Pública Estadual	PR	32	26	3
2018	UNIFAL-MG	Pública Federal	MG	59	57	3
2018	UFGD	Pública Federal	MS	35	31	2
2018	UFJF	Pública Federal	MG	23	20	3
2018	UFOPA	Pública Federal	PA	60	53	2
2018	UNIARARAS	Privada sem fins lucrativos	SP	23	22	4
2018	UNIFESSPA	Pública Federal	PA	11	11	3
2018		Privada com fins lucrativos	PR	14	14	4
2018	UNIP	Privada com fins lucrativos	SP	32	25	3
2018	UniFanor Wyden	Privada com fins lucrativos	CE	1	1 SC	
2018	UNICENTRO	Pública Estadual	PR	7	7	2
2018	UNICID	Privada com fins lucrativos	SP	2	2	4
2018	UEA	Pública Estadual	AM	26	25	3
2018		Privada com fins lucrativos	SP	4	4	4
2018	UNIFRAN	Privada com fins lucrativos	SP	2	1 SC	
2018	UNIP	Privada com fins lucrativos	SP	2	2	5
2018	URCA	Pública Estadual	CE	93	86	2
2018	UNILA	Pública Federal	PR	32	24	1
2018	UFFS	Pública Federal	PR	23	23	2
2018	FRB	Privada com fins lucrativos	SP	3	2	2
2018	ALFA	Privada com fins lucrativos	GO	18	17	2

## ANEXO B – EMENTAS DAS DISCIPLINAS



CURSO: Graduação em Economia – 1º semestre de 2022  
 DISCIPLINA: História do Pensamento Econômico  
 PROFESSOR:  
 CARGA HORÁRIA: 60h  
 PRÉ-REQUISITO: Não Há

### PLANO DE ENSINO

#### 1. Ementa

As origens da economia política clássica; As classes sociais relevantes; Origem, medição e apropriação do excedente; A reprodução econômica (O “Tableau Économique”); A divisão do trabalho e a sociedade de mercado; Teoria do valor e da distribuição; O processo de acumulação de capital e a noção smithiana de desenvolvimento econômico; o papel do mecanismo de mercado na visão de Smith; Teoria da distribuição e do valor; comércio internacional e a Teoria das vantagens comparativas; O processo de acumulação de capital, a Lei de Say e a controvérsia Malthus x Ricardo; Materialismo histórico; Origens e natureza da sociedade capitalista; Valor e exploração; A acumulação capitalista: flutuações e tendências; A Revolução Marginalista e os novos sistemas; Jevons e um sistema integralmente baseado na utilidade; Walras e equilíbrio geral; Marshall e o equilíbrio parcial; Menger e a especificidade da abordagem austríaca; A Revolução Keynesiana.

Metodologia científica e metodologia econômica. Filosofia da Ciência - Positivismo Lógico x princípio da falseabilidade de Karl Popper. Indutivismo e dedutivismo em Economia. A retórica no discurso econômico. A Economia como ciência – debates atuais.

#### 2. Objetivos da disciplina

O curso tem como objetivo analisar o surgimento da economia como campo de investigação teórica e empírica no século XVIII e as principais escolas de pensamento econômico que se desenvolvem ao longo do século XIX e na primeira metade do século XX, destacando alguns dos autores da economia política clássica e da escola neoclássica. Um segundo objetivo é discutir proposições de metodologia na ciência econômica, tendo como ponto de partida algumas questões centrais de metodologia científica e em particular de métodos em Economia.

#### 3. Objetivos centrais de aprendizagem



Espera-se que o(a) aluno(a) seja capaz de identificar os principais fundamentos epistemológicos e metodológicos da teoria econômica, assim como identificar as principais escolas de pensamento econômico e seus representantes, com ênfase na diversidade de interpretações relativas à história das ideias e teorias econômicas em seus contextos social e intelectual.

#### 4. Relação da disciplina com o debate contemporâneo

“O interesse da história do pensamento como história das ideias reside precisamente no poder de clarificar a consciência da comunidade sobre seus próprios procedimentos de decisão” (Arida, 2003). O estudo da história do pensamento é parte da boa formação do economista, possibilitando-lhe um melhor entendimento das ideias e realidades contemporâneas, assim como compreender e sustentar de forma racional proposições positivas e normativas no campo da investigação econômica.

#### 5. Procedimentos de ensino (metodologia)

Aulas expositivas, apoiadas na discussão de textos previamente selecionados, dos quais serão solicitados aos alunos fichamentos e resenhas. As aulas procuram combinar a análise moderna e contemporânea das principais escolas de pensamento (presente nos manuais e livros-texto) com a leitura dos textos originais de alguns de seus mais notórios representantes.

#### 6. Conteúdo programático detalhado

Aula	Data	Tópico	Atividades
1	14/2	A HPE como objeto de estudo e análise	Aulas expositivas. Bibliografia básica: Barber (2009), Eltis (2000), Roncaglia (2007), Screpanti (2003), Napoleoni (1978), textos originais dos autores. Serão cobrados fichamentos de textos indicados em aula.
2	16/2	Fundamentos da análise mercantilista	
3	21/2	Surgimento de sistemas: Fisiocracia (I)	
4	23/2	Surgimento de sistemas: Fisiocracia (II)	
5	7/3	A Economia Política Clássica: visão geral	
6	9/3	Adam Smith e “A Riqueza das Nações”	
7	14/3	David Ricardo e os “Princípios de Economia Política e Tributação”	
8	16/3	A controvérsia Malthus-Ricardo; Lei de Say	
9	21/3	John Stuart Mill	
10	23/3	A crítica à Economia Política: Marx e O Capital	
11	28/3	Os marginalistas e os novos sistemas	
12	30/3	Os marginalistas e a teoria subjetiva do valor	



13	4/4	Marshall: fundamentos da microeconomia	
14	6/4	Keynes: fundamentos da macroeconomia	
<b>9 a 20/4</b>		<b>A1</b>	
1	25/4	Resolução de A1 e apresentação da segunda parte do curso	
2	27/4	Sociogênese da Economia: discussão texto Norbert Elias (2006)	Aulas expositivas e discussões de textos com a turma. Bibliografia básica: Corazza (2003), Gala & Rego (2003), Barber (2009), Roncaglia (2007), Screpanti (2003), além de textos originais de autores selecionados. Serão cobrados fichamentos de textos indicados em aula.
3	2/5		
4	4/5	Ciência e método na História do Pensamento Econômico: discussão texto Gentil Corazza (2006)	
5	9/5		
6	11/5	Controvérsias filosóficas, discussões econômicas	
7	16/5		
8	18/5	Aspectos metodológicos da economia clássica e neoclássica	
9	23/5	HPE como teoria e retórica	
10	25/5		
11	30/5		
12	1/6	Resolução das controvérsias em Economia	
	6/6	Aspectos metodológicos contemporâneos	
<b>8 a 15/6</b>		<b>Semana de A2</b>	

### 7. Procedimentos de avaliação

A1: Teste na data marcada pela coordenação (valendo 8 pontos) e fichamentos das leituras indicadas em sala de aula (2 pontos).

A2: a definir.

### 8. Bibliografia Obrigatória

- BARBER, William J. *A History of Economic Thought*. Connecticut, Wesleyan University Press, 2009.
- CORAZZA, Gentil (org.). *Métodos da Ciência Econômica*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.
- GALA, Paulo & REGO, José Marcio (orgs.) *A história do pensamento econômico como teoria e retórica: ensaios sobre metodologia em Economia*. São Paulo: Ed. 34, 2003.
- KEYNES, J. M. *A teoria geral do emprego, do juro e da moeda*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- KUNTZ, Rolf. "François Quesnay e a Fundação da Economia Moderna", in *Quesnay*, São Paulo, Ática, 1993.
- MARX, Karl. *O Capital*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

- MILL, John Stuart. *Princípios de Economia Política*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- NAPOLEONI, Claudio. *Smith, Ricardo, Marx*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.
- RICARDO, David. *Princípios de Economia Política e Tributação*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- ROBBINS, Lionel. *A history of economic thought: the LSE lectures*. Princeton University Press, 1998.
- RONCAGLIA, Alessandro. *The Wealth of Ideas*. Cambridge, Cambridge University Press, 2007.
- SMITH, Adam. *Investigação sobre a Natureza e as Causas da Riqueza das Nações*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- ZAMAGNI, S. e SCREPANTI, E. *An Outline History of Economic Thought*. Oxford: Clarendon Press, 1993.

#### **9. Bibliografia Complementar**

- BLAUG, Mark. *Economic Theory in Retrospect*, Cambridge, Cambridge University Press, 1980.
- BACKHOUSE, Roger. *História da Economia Mundial*, São Paulo: Estação Liberdade, 2007.
- \_\_\_\_\_. *A History of Modern Economic Analysis*. Oxford and New York: Blackwell, 1985.
- BRUE, Stanley L. *História do Pensamento Econômico*. São Paulo: Pioneira. Thompson, 2005.
- ELTIS, Walter. *The Classical Theory of Economic Growth*. New York, Palgrave, 2000.
- LANDRETH, H. & COLANDER, D.C. *History of Economic Thought*. Boston: Houghton Mifflin, 2002.
- SNOWDON, Brian & Vane, Howard. *Modern macroeconomics*. EUA: Elgar, 2005.

#### **10. Minicurrículo do(s) Professor(s)**

Doutor em Economia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2007). Pesquisador do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) desde 1998, professor da EPGE desde 2016.

#### **11. Link para o Currículo Lattes**

[lattes.cnpq.br/](http://lattes.cnpq.br/)

## Ementa de Disciplina

ECO1508

### HISTORIA DO PENS ECONOMICO N

4 créditos

#### Ementa

Um estudo mais detalhado das principais contribuições a teoria econômica, incluindo entre outros os trabalhos dos mercantilistas, fisiocratas, clássicos ingleses, socialistas utópicos, Marx, escola austríaca, escola histórica, Marshall e Keynes.

#### Bibliografia

SCREPANTI, E.; ZAMAGNI, S. **AN OUTLINE OF THE HISTORY OF ECONOMIC THOUGHT**; OXFORD: OXFORD UNIV. PRESS, 2005.

WALSH, V.; GRAM, H. **CLASSICAL AND NEOCLASSICAL THEORIES OF GENERAL EQUILIBRIUM: HISTORICAL ORIGINS AND MATHEMATICAL STRUCTURE**; OXFORD: OXFORD UNIV. PRESS, 1980.

ROLL, E. **A HISTORY OF ECONOMIC THOUGHT**; USA: FABER & FABER, 1992.

#### Bibliografia Complementar

NEGISHI, T. **HISTORY OF ECONOMIC THEORY**; HOLANDA: NORTH HOLLAND, 1989.

NIEBYL, K. **STUDIES IN THE CLASSICAL THEORIES OF MONEY**; COLUMBIA: COLUMBIA UNIV. PRESS, 1946.

SCHUMPETER, J.A. **HISTORY OF ECONOMIC ANALYSIS**; OXFORD: OXFORD UNIV. PRESS, 1954.

#### Pré-requisitos

**ECO1217**

ou

**ECO1244**

Última atualização da ementa: 10/09/2015



## PLANO DE ENSINO

### I. IDENTIFICAÇÃO

<b>Curso:</b> Ciências Econômicas		
<b>Departamento:</b> Ciências Econômicas		
<b>Disciplina:</b> História do Pensamento Econômico		<b>Código:</b> 53APE
<b>Carga horária:</b> 72 horas-aula	<b>Período letivo:</b> 2023-1	<b>Termo:</b> 5º
<b>Professor:</b>		
<b>Contato:</b>		

### II. EMENTA

Mercantilismo. Escola Fisiocrata. Economistas Clássicos. A Escola Socialista. Revolução Marginalista. Escola Neoclássica. Economia Keynesiana. Economia Matemática.
---

### III. OBJETIVOS

<p><b>GERAL</b></p> <p>Compreender a evolução do pensamento econômico em uma perspectiva histórica.</p> <p><b>ESPECÍFICOS</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1) Analisar a evolução do pensamento econômico dos primórdios à contemporaneidade;</li> <li>2) Analisar pontos comuns e divergências entre diferentes escolas do pensamento econômico;</li> <li>3) Discutir o impacto das ideias econômicas na reflexão e na prática do economista.</li> </ol>
---

### IV. CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Origens do Pensamento Econômico.</li> <li>2. Mercantilismo.</li> <li>3. Escola Fisiocrata.</li> <li>4. Economistas Clássicos.</li> <li>5. A Escola Socialista.</li> <li>6. Revolução Marginalista.</li> <li>7. Escola Neoclássica.</li> <li>8. Economia Keynesiana.</li> <li>9. Teorias do crescimento e desenvolvimento econômico.</li> </ol>
--

### V. METODOLOGIA DE ENSINO

A disciplina será conduzida sob a forma de exposição dialogada, com apresentação de conteúdo por parte do professor e discussão em conjunto com os alunos.
--

### VI. SISTEMA DE AVALIAÇÃO

<p>A avaliação se compõe de três provas parciais e de um conjunto de exercícios, cujas notas formarão uma média de exercícios. Cada elemento de avaliação corresponde a 1/3 na composição da nota total.</p> <p>Para o bom desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem, espera-se do aluno (i) presença em aula, (ii) pontualidade em sala e na entrega das atividades, (iii) minimização de interrupções que não sejam relacionadas à disciplina, (iv) foco na aula e (v) leitura do material.</p>
---

As atividades deverão ser manuscritas e entregues em sala de aula. Não serão aceitos trabalhos fora do prazo.

Será considerado aprovado o aluno que obtiver média igual ou superior a 7,0. Caso seja necessário a realização de exame final, a prova abordará a totalidade do conteúdo programático.

O aluno que, por motivo plenamente justificado, deixar de realizar avaliações previstas no plano de ensino, deverá formular requerimento de segunda chamada na secretaria do curso, de acordo com a Resolução nº 018/2004-CONSEPE.

#### **Informações sobre realização de Prova de 2ª Chamada**

A Resolução nº 018/2004-CONSEPE regulamenta o processo de realização de provas de segunda chamada.

Segundo esta resolução, o aluno que deixar de comparecer a qualquer das avaliações nas datas fixadas pelos professores, poderá solicitar segunda chamada de provas na Secretaria Acadêmica através de requerimento por ele assinado, pagamento de taxa e respectivos comprovantes, **no prazo de 5 (cinco) dias úteis**, contados a partir da data de realização de cada prova, sendo aceitos pedidos, devidamente comprovados, motivados por:

- I - problema de saúde, devidamente comprovado, que justifique a ausência;
- II - doença de caráter infecto-contagiosa, impeditiva do comparecimento, comprovada por atestado médico reconhecido na forma da lei constando o Código Internacional de Doenças (CID);
- III - ter sido vítima de ação involuntária provocada por terceiros;
- IV - manobras ou exercícios militares comprovados por documento da respectiva unidade militar;
- V - luto, comprovado pelo respectivo atestado de óbito, por parentes em linha reta (pais, avós, filhos e netos), colaterais até o segundo grau (irmãos e tios), cônjuge ou companheiro(a);
- VI - convocação, coincidente em horário, para depoimento judicial ou policial, ou para eleições em entidades oficiais, devidamente comprovada por declaração da autoridade competente;
- VII - impedimentos gerados por atividades previstas e autorizadas pela coordenação do respectivo curso ou instância hierárquica superior;
- VIII - direitos outorgados por lei;
- IX - coincidência de horários de exames finais, fixados por edital próprio;
- X - convocação para competições oficiais representando a UDESC, o Município, o Estado ou o País.

Leia a resolução na íntegra na página da Secretaria dos Conselhos: <http://secon.udesc.br/>

#### **VII. BIBLIOGRAFIA**

##### **Básica**

- BRASSEUL, Jacques. **História econômica do mundo**. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2011.  
 REZENDE FILHO, Cyro. **História econômica mundial**. 9. Ed. São Paulo: Contexto, 2010.  
 SAES, Flávio Azevedo Marques de; SAES, Alexandre Macchione. **História econômica geral**. São Paulo: Saraiva, 2013.

##### **Complementar**

- ACEMOGLU, Daron; ROBINSON, James. **Por que as nações fracassam**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.  
 BACKHOUSE, Roger E. **História da economia mundial**. São Paulo: Estação Liberdade, 2010.  
 BEATTIE, Alan. **Falsa economia: uma surpreendente história econômica do século XX**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.  
 BERNSTEIN, William J. **Uma mudança extraordinária: como o comércio revolucionou o mundo**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.  
 BÉRTOLA, Luis; OCAMPO, José Antonio. **O desenvolvimento econômico da América Latina desde a independência**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2015.  
 BLOCH, Marc. **A sociedade feudal**. Lisboa: Edições 70, 2009.  
 BRUNSCHWIG, Henri. **A partilha da África Negra**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.  
 DEYOL, Pierre. **O mercantilismo**. 4. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.  
 DOBB, Maurice. **A evolução do capitalismo**. 5. Ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.  
 GALBRAITH, John Kenneth. **1929: O colapso da bolsa**. São Paulo: Pioneira, 1988.  
 \_\_\_\_\_. **1929: A grande crise**. São Paulo: Larousse do Brasil, 2010.  
 \_\_\_\_\_. **Uma viagem pelo tempo econômico**. São Paulo: Pioneira, 1994.  
 HEILBRONER, Robert L. **A formação da sociedade econômica**. 5. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.





UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA ADMINISTRAÇÃO  
E SÓCIO-ECONÔMICAS – ESAG



\_\_\_\_\_; MILBERG, William. **A construção da sociedade econômica**. 12. Ed. Porto Alegre: Bookman, 2008.  
HIRSCHMAN, Albert O. **As paixões e os interesses**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1983.  
KERSTENETZKY, Celia Lessa. **O Estado do bem-estar social na idade da razão**. Rio de Janeiro: Campus, 2012.  
KINDLEBERGER, Charlie P.; ALIBER, Robert Z. **Manias, pânico e crises**. São Paulo: Saraiva, 2013.  
LANDES, David S. **A riqueza e a pobreza das nações**. Rio de Janeiro: Campus, 1998.  
LANDES, David S.; MOKYR, Joel; BAUMOL, William J. **A origem das corporações**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.  
NEAL, Larry; CAMERON, Rondo. **História econômica do mundo**. Vila Franca de Xira: Escolar Editora, 2019.  
PIPES, Richard. **Propriedade & liberdade**. Rio de Janeiro: Record, 2001.  
POLANYI, Karl. **A grande transformação: as origens da nossa época**. Rio de Janeiro: Campus, 1980.  
ROMANO, Ruggiero. **Os mecanismos da conquista colonial**. 3. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.

**ECO 463 - História do Pensamento Econômico**

Conteúdo					
Unidade	T	P	ED	Pj	To
<b>1. O pensamento neoclássico</b> 1. Jevons e Menger: a teoria do valor baseado na utilidade 2. Walras e o equilíbrio econômico geral 3. Böhm-Bawerk e a teoria do juro 4. Clark e a teoria da distribuição de renda 5. Marshall e o equilíbrio econômico parcial 6. Pareto e a economia do bem-estar	18h	0h	0h	0h	18h
<b>2. Aprimoramentos e críticas à economia neoclássica</b> 1. Wicksell e a economia monetária 2. Schumpeter e a dinâmica econômica 3. Sraffa e Chamberlin: a teoria da concorrência imperfeita	8h	0h	0h	0h	8h
<b>3. O surgimento da macroeconomia</b> 1. Keynes: as crises econômicas e o papel do Estado 2. Hicks e a síntese neoclássica	12h	0h	0h	0h	12h
<b>4. Críticas e aprimoramentos à macroeconomia keynesiana</b> 1. Mises e Hayek: o pensamento da escola austríaca 2. Friedman e a teoria monetarista 3. Lucas e a teoria das expectativas racionais 4. Prescott e Kydland: os ciclos reais de negócios 5. A nova ideia keynesiana: Mankiw, Akerlof, Stiglitz e outros	14h	0h	0h	0h	14h
<b>5. Outras contribuições importantes à história do pensamento econômico</b> 1. Solow e a macroeconomia de longo prazo 2. Becker e o comportamento humano 3. North e a nova economia institucional	8h	0h	0h	0h	8h
<b>Total</b>	<b>60h</b>	<b>0h</b>	<b>0h</b>	<b>0h</b>	<b>60h</b>

Teórica (T); Prática (P); Estudo Dirigido (ED); Projeto (Pj); Total (To);

Planejamento pedagógico	
Carga horária	Itens
Teórica	Apresentação de conteúdo oral e escrito em quadro convencional; e Apresentação de conteúdo oral e escrito com o apoio de equipamento (projetor, quadro-digital, TV, outros)
Prática	<i>Não definidos</i>
Estudo Dirigido	<i>Não definidos</i>
Projeto	<i>Não definidos</i>
Recursos auxiliares	<i>Não definidos</i>

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <https://siadoc.ufv.br/validar-documento> com o código: LCSJ.2JJR.SZQX

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA  
PRE | PRÓ-REITORIA DE ENSINO



PINDICK, R. S.; RUBINFELD, D. L. Microeconomia. 8. ed. São Paulo: Makron Books, 2013.	0
WALRAS, L. Compêndio dos elementos de economia política pura. São Paulo: Abril Cultural, 1983.	0

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <https://siadoc.ufv.br/validar-documento> com o código: LCSJ.2JJR.SZQX



**ECO 463 - História do Pensamento Econômico****Bibliografias básicas**

Descrição	Exemplares
FROYEN, R. T. Macroeconomia. São Paulo: Saraiva, 2005. 635 p.	20
CARNEIRO, R. (Org.) Os Clássicos da economia. São Paulo: Ática, 1997.	0
BRUE, S. L. História do pensamento econômico. 2. ed. São Paulo: Thomson Learning, 2016.	0
KRUGMAN, P. R. Vendendo prosperidade: sensatez e insensatez econômica na era do conformismo. Rio de Janeiro: Campus, 1997.	0
MARSHALL, A. Princípios de economia: tratado introdutório. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Os Economistas)	0
RIMA, I. H. História do pensamento econômico. São Paulo: Atlas, 1977.	0
NAPOLEONI, C. O pensamento econômico do século XX. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.	0
SOTO, J. H. A escola austríaca. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2010. 100 p.	0

**Bibliografias complementares**

Descrição	Exemplares
VARIAN, H. Microeconomia: princípios básicos. 7. ed. São Paulo: Campus, Elsevier, 2006. 801 p.	55
HUNT, E. K.; L., M. História do Pensamento Econômico: uma Perspectiva Crítica. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.	0
SCHUMPETER, J. Capitalismo, socialismo e democracia. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.	0
Textos selecionados	0
ARAUJO, C. R. V. História do Pensamento Econômico. São Paulo: Atlas, 1989.	0
BELL, J. F. História do pensamento econômico. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.	0
BÖHM-BAWERK, E. Teoria positiva do capital. São Paulo: Nova Cultural, 1986. (Os Economistas)	0
CHAMBERLIN, E. H. Teoria de la competencia monopolística. Mexico: Fondo de Cultura Economica, 1956. 292p.	0
JEVONS, W. S. A teoria da economia política. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Os Economistas)	0
HAYEK, F. A. O caminho para a servidão. Lisboa: Edições 70, 2009. 289 p.	0
KEYNES, J. M. Teoria geral do emprego, do juro e da moeda. São Paulo: Atlas, 2010.	0
MIGLIOLI, J. Acumulação de capital e demanda efetiva. São Paulo: T. A. Queiroz, 1982.	0
PARETO, V. Manual de economia política. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Os Economistas)	0

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <https://siadoc.ufv.br/validar-documento> com o código: LCSJ.2JJR.SZQX

## Programa Analítico de Disciplina

### ECO 463 - História do Pensamento Econômico

Departamento de Economia - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes	
Catálogo: 2023	
Número de créditos: 4 Carga horária semestral: 60h Carga horária semanal teórica: 4h Carga horária semanal prática: 0h	Carga horária de extensão: 0h  Semestres: II
<b>Objetivos</b>	
O objetivo da disciplina ECO 463 – História do Pensamento Econômico é mostrar a importância do estudo da evolução do pensamento econômico na formação do economista. Para isso, analisam-se as diferentes linhas teóricas existentes em Economia, procurando verificar como os ambientes histórico, econômico, social, cultural e intelectual influenciaram as reflexões teóricas dos principais pensadores da ciência econômica.	
<b>Ementa</b>	
O pensamento neoclássico. Aprimoramentos e críticas à economia neoclássica. O surgimento da macroeconomia. Críticas e aprimoramentos à macroeconomia keynesiana. Outras contribuições importantes à história do pensamento econômico.	
<b>Pré e correquisitos</b>	
ECO 261	
<b>Oferecimentos obrigatórios</b>	
<b>Curso</b>	<b>Período</b>
Ciências Econômicas	4
<b>Oferecimentos optativos</b>	
<i>Não definidos</i>	

DISCIPLINA: **HISTÓRIA DO PENSAMENTO ECONÔMICO**  
CARGA HORÁRIA: **60h**  
PRÉ-REQUISITO: ECONOMIA POLÍTICA II

PERÍODO: **5º**  
CÓDIGO: **IEE480**

#### **EMENTA**



A teoria clássica em retrospectiva. A revolução marginalista. A abordagem marshalliana do equilíbrio parcial. A teoria do equilíbrio geral. Tópicos sobre a história do pensamento econômico desde a década de 1920.

#### **BIBLIOGRAFIA**

- BLAUG, M. (1997). *Economic Theory in Retrospect*. Cambridge: Cambridge University Press.
- GAREGNANI, P. & PETRI, F. (1989). 'Marxismo e Teoria Econômica Hoje' in Hobsbawm (ed.) "*História do Marxismo*", vol. 12, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- HICKS, J. R. (1946). *Valor e Capital*, Coleção Os Economistas, São Paulo: Abril Cultural. 1983.
- HUNT, E. K. (2005). *História do Pensamento Econômico*. Rio de Janeiro: Editora Campus.
- JEVONS, W. S. (1871). *Teoria da Economia Política*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- MARSHALL, A. (1890). *Princípios de Economia*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- RONCAGLIA, A. (2006) *Wealth of Ideas: a history of economic thought*, Cambridge: Cambridge University Press.
- SHACKLE, G. L. S. (1967). *Origens da Economia Contemporânea* São Paulo: Ed. Hucitec, 1991.
- SCHUMPETER, J. A. (1912). *Teoria do Desenvolvimento Capitalista*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- SCREPANTI, Ernesto e ZAMAGNI, Stefano (1995). *An Outline of the History of Economic Thought*. Oxford: Oxford University Press.
- SRAFFA, P. (1926). "As leis dos Rendimentos sob Condições de Condições de Concorrência", *Clássicos de Literatura Econômica*, Rio de Janeiro, IPEA, 1992.
- SRAFFA, P. (1960) *Produção de Mercadorias por meio de Mercadorias*, São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- TOLIPAN, R. & GUIMARÃES, E. A (1992). Uma Nota Introdutória ao Artigo "As Leis dos Rendimentos sob Condições de Concorrência" de Piero Sraffa, *Clássicos de Literatura Econômica*, Rio de Janeiro, IPEA, 1992.
- WALRAS, L. (1938). *Compêndio dos Elementos de Economia Política Pura*. São Paulo, Abril Cultural, 1983.
- WICKSELL, K. (1911) *Lições de Economia Política*, São Paulo: Abril Cultural, 1983.

12/05/2023, 12:49

Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas

 <b>UnB</b> Portal do Discente	<b>UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA</b> <b>SISTEMA INTEGRADO DE GESTÃO DE ATIVIDADES</b> <b>ACADÊMICAS</b>	 Secretaria de Tecnologia da Informação
EMITIDO EM 12/05/2023 12:49		

**Componente Curricular:** ECO0025 - HISTORIA DO PENSAMENTO ECONOMICO**Carga Horária:** 60 horas**Unidade Responsável:** DEPTO ECONOMIA**Tipo do Componente:** DISCIPLINA

**Ementa:** Examinam-se, inicialmente, as ideias dos seguintes autores: Ricardo, Marx, Marshall e Keynes. Em Seguida, examinam-se as principais controvérsias em Teoria Econômica, entre Pós-Keynesianos e Marxistas; entre Pós-Keynesianos e Keynesianos da Síntese Neoclássica; entre Novos Clássicos e Novos Keynesianos.

**Modalidade:** Presencial

### Dados do Programa

**Ano-Período:** 2020.2

#### Objetivos:

Pelo curso busca-se proporcionar aos estudantes uma visão comparativa das diferentes linhas teóricas existentes em Economia. Para tanto, retoma-se, na primeira parte, o pensamento dos fundadores do pensamento econômico, já estudados no curso Evolução das Ideias Econômicas e Sociais, abordando-os de forma mais aprofundada, procurando destacar pontos que serão importantes para a compreensão das controvérsias mais atuais, a serem estudadas na segunda parte do curso. Nesta, escolhem-se discussões entre escolas que marcaram os últimos quarenta anos, e que ainda hoje dividem os economistas, de forma que o estudante tenha uma visão de conjunto e comparativa de tudo o que viu ao longo do curso de economia. Os fios condutores a serem usados ao longo da análise do pensamento econômico serão a concepção teórica da moeda e da sua relação com a economia, e a percepção dos autores e escolas sobre a estabilidade, a instabilidade ou as crises como traços normais da economia capitalista, buscando destacar o grau de ortodoxia ou heterodoxia dos pensamentos econômicos analisados.

#### Conteúdo:

Tópicos:

1. Ricardo
2. Marx
3. Marshall
4. Keynes
5. Controvérsias em teoria econômica:
  - 5.1. Neo-ricardianos e marxistas
  - 5.2. Pos-keynesianos e Keynesianos da Síntese Neoclássica
  - 5.3. Novos Clássicos e Novos Keynesianos

Tipo de material	Descrição
Livro	HUNT, E. K. <strong>História do pensamento econômico</strong>. . Elsevier: Campus. 2005
Livro	MARSHALL, Alfred.. <strong>Princípios de economia: Tratado introdutório v (Os economistas)</strong>. . Nova Cultural. 1996
Livro	MARX, Karl.. <strong>O capital: crítica da economia política (volume 1)</strong>. . Civilização Brasileira,. 1998
Livro	MARX, Karl.. <strong>O capital: crítica da economia política. Livro Primeiro: O processo de produção do Capital. Vol.2.</strong>. . Civilização Brasileira,. 1998
Livro	RICARDO, David. <strong>Princípios de economia política e tributação</strong>. . Nova Cultural. 1996
Livro	BARBER, William. <strong>Historia do pensamento econômico (uma)</strong>. . Zahar. 1996
Livro	BLAUG, Mark. <strong>História do pensamento econômico</strong>. . Publicações Dom Quixote. 1990
Livro	BLAUG, Mark. <strong>Economic theory in retrospect</strong>. . Cambridge University Press. 1997
Livro	CARVALHO, Fernando J. Cardim de. <strong>Economia monetária e financeira: teoria e política</strong>. . Elsevier, Campus. 2007
Livro	DELEPLACE, Ghislain; MAURISSON, Patrick.. <strong>Heterodoxie dans la pensee economique: K marx, j m keynes, j a schumpeter(!)</strong>. . Anthropos. 1985

12/05/2023, 12:49

Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas

Tipo de material	Descrição
Livro	DOBB, Maurice. <strong>Teorias do valor e distribuição desde adam smith</strong>. . Presença. 1973
Livro	KEYNES, John Maynard. <strong>A teoria geral do emprego, do juro e da moeda</strong>. . Atlas. 2012
Livro	INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. <strong>Literatura Econômica, número especial</strong>. . Ipea / Inpes. 1992
Livro	INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. <strong>Clássicos de literatura econômica : textos selecionados de macroeconomia.</strong>. . Ipeas. 2010
Livro	LIMA, Gilberto Tadeu (Org.),. <strong>Macroeconomia do Emprego e da Renda ? Keynes e o Pós-Keynesianismo</strong>. . Manole. 2002
Livro	MARX, Karl. <strong>Teorias da mais-valia: História crítica do pensamento econômico</strong>. . DIEFL. 1985
Livro	NAPOLEONI, Cláudio. <strong>Smith, Ricardo, Marx.</strong>. . Graal,. 2000
Livro	SILVA, Maria Luiza Falcão; AMADO, Adriana Moreira. <strong>Moeda e produção: Teorias comparadas</strong>. . Universidade de Brasília. 1992
Livro	MARX, Karl. <strong>Salário, Preço e Lucro</strong>. . Edipro. 2004

SIGAA | Secretaria de Tecnologia da Informação - STI - (61) 3107-0102 | Copyright © 2006-2023 - UFRN - app15\_Prod.sigaa09